

BARIANI ORTENCIO

CICLO DO SERTÃO

O QUE FOI PELO SERTÃO

(t.) TRAMPOLIM



WALDOMIRO BARIANI ORTENCIO nasceu em Igarapava – SP em 24 de julho de 1923. Mudou-se para Goiânia em 1938. Fez o Ginásio e o Científico no Lyceu de Goiânia e apenas o 1º ano de Odontologia. Foi professor de Matemática e industrial. É empresário (Bazar Paulistinha e Anhanguera Shoppings). Publicou 50 livros em todos os gêneros. É premiado pela Academia Brasileira de Letras (Prêmio João Ribeiro – *Cartilha do Folclore Brasileiro*); pela APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte (*Dicionário do Brasil Central*); pela UBE – União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro (*Conjunto de Obras Guimarães Rosa*); pelo IPHAN (Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade) pela trilogia da sabedoria do Centro-Oeste: *Cozinha Goiana – Dicionário do Brasil Central e Medicina Popular do Centro-Oeste*; Prêmio CLIO da

CICLO DO SERTÃO

O QUE FOI PELO SERTÃO

BARIANI ORTENCIO

**CICLO DO
SERTÃO**

O QUE FOI PELO SERTÃO

(t.) TRAMPOLIM



1ª Edição: Editora de Autores Novos
São Paulo – 1956

© by Waldomiro Bariani Ortencio – 2017

FICHA TÉCNICA

Editor:

Victor Tagore

Revisão de texto:

Maurício Apolinário

Capa:

Eward S. Bonasser Jr.

Diagramação:

Diego Henrique Oliveira

Coordenação Editorial:

Izabel Signoreli

Produção:

Laila Santoro

O77q Ortencio, Waldomiro Bariani
O que foi pelo sertão / Bariani Ortencio. – Brasília,
DF : Trampolim, 2017.
87 p. ; (Coleção ciclo do sertão)

Inclui vocabulário regional goiano
ISBN: 978-85-5325-005-9

1. Literatura brasileira. 2. Conto. I. Coletânea
Bariani Ortencio. II. Série. III. Título.

CDU 821.134.3-34(81)

CDD B869.34

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Contatos:

Bariani Ortêncio – barianiortencio@uol.com.br

Tagore Editora – contato@tagoreeditora.com.br

TRAMPOLIM é uma marca da TAGORE EDITORA.

Todos os direitos reservados de acordo com a lei.
Composto e impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

TAGORE EDITORA

SRTVS Quadra 701, Bloco O, Edifício Novo Centro Multiempresarial, sala 203,
CEP: 70.340-000, Brasília, DF.

C O L E T Â N E A

Bani: Am.

C O L E T Â N E A

Bani: 1000

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| COMPRANDO CHUVA..... | 15 |
| A CAPANGA DE DINHEIRO | 19 |
| PALADAR DE FOGO..... | 27 |
| A INDOLÊNCIA DO JOAQUIM | 31 |
| O COLOSSO DO ARRAIAL..... | 37 |
| UM PROCESSO MODERNO | 49 |
| VITROLA MALCRIADA | 55 |
| O LIQUIDANTE..... | 59 |
| O ENGENHEIRO DESCALÇO | 65 |
| UM SACERDOTE NO SERTÃO..... | 69 |
| SOBRINHO DO FULGÊNCIO..... | 73 |
| HISTÓRIA DO DOUTOR NECO | 77 |
| O CIRCO..... | 81 |
| CENAS DO SERTÃO..... | 85 |

INTRODUÇÃO

à edição fac-símile de 2006

Neste ano de 2006, comemora-se o cinquentenário da publicação deste livro O QUE FOI PELO SERTÃO, que está tal qual foi publicado em 1956.

Escrever, para quem gosta, é sempre uma realização pessoal. Mas exige paciência e tolerância, porque quem escreve quer ver a sua “obra” em letras de forma, em revistas, em jornais e, muito principalmente, em livros. Fazer teste, mostrando os escritos para algumas pessoas, é bom e também é ruim. Em geral, o amigo, por ser amigo, elogia. Em outros casos, o “amigo” não é tão amigo e, em vez de elogiar, critica mal, por tratar-se de concorrência. Entrar em concursos é válido, mas tem que fazer como o Anatole Ramos fazia: colocar pingos de cola em algumas páginas para, depois, ver se os originais foram mesmo abertos, que, em geral, concursos têm sempre carta marcada, e os membros do júri não vão perder tempo lendo os concorrentes já, de antemão, desclassificados.

Naquele tempo, havia um jornal centenário em São Paulo, O TEMPO, que publicava contos enviados ao seu concurso permanente, na coluna O Conto do Dia. Fui premiado por 14 vezes. O jornal

estava montando um livro, com trocadilho: 60 Contos por 20 Cruzeiros. Mas aconteceu o inesperado: o jornal foi à falência. O livro estava composto com apenas dois premiados: eu, com 14, e o Luiz Franceschini, com 10 contos. Combinamos, nós dois, e o livro saiu geminado, às nossas expensas: **O que foi pelo sertão e Vovó do Pito**. A senhora dele, Dona Matilde, confeccionou a capa e o livro saiu em papel linha d'água, papel subsidiado apenas para jornais.

O primeiro livro a gente recebe como o nascimento de um filho! E tive a sorte de uma escritora-romancista, Ruth Guimarães, publicar um artigo sobre ele na revista Globo, de Porto Alegre, tendo, como ilustração, duas canoas ancoradas no Araguaia. Com este artigo, a Livraria São José, do Carlos Ribeiro (Rio de Janeiro), publicou meus dois livros seguintes: **Sertão, o Rio e a Terra** e **Sertão Sem Fim**.

“Pra comer e coçar, basta começar!”. A sorte me protegeu e vieram, pela José Olímpio Editora (Rio de Janeiro), **Vão dos Angicos e Força da Terra**. A sequência deu **Cozinha Goiana** (Brasilart-Rio); **Morte sob Encomenda** e **Dr. Libério, O Homem Duplo** (Ed. MM-CBS-SP); **Estórias de Crimes e do Detetive Waldir Lopes** e **Dicionário do Brasil Central** (Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes-APCA), estes dois pela Editora Ática (São Paulo). Depois, **O Enigma do Saco Azul** e **Aventura no Araguaia** (Editora Atual - SP); **A Deal of Death** e **Medicina Popular do Centro-Oeste** (Thesaurus - Brasília/Miami); **Meu Tio-Avô e o Diabo** (Estação Liberdade - SP); **João do Fogo, Estórias de Muitas Estórias, João do Fogo e Pimentinha, João do Fogo e Pimentinha - Novas Aventuras, Caminho da Liberdade e Crônicas** (todos pela Kelps-GO); **Cartilha do Folclore Brasileiro** (Prêmio João Ribeiro - Folclore - da Academia Brasileira de Letras), com duas edições pelas editoras da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás; **O Homem que não Teimava** (Editora Saraiva); **A Fronteira (A Revolução Constitucionalista de 1932 - Minha Vida de Menino)** recebeu prêmio da Academia Paulista de História, com edição patrocinada pelos Correios (Ministério das Comunicações).

Estou com três livros a publicar: **Chão Bruto** (ficção curta), **Até Parece Mentira** (causos de pescadores e caçadores) e **Shoppings de Cristo** (sobre as seitas do dinheiro).

Estou trabalhando, a todo vapor, o romance **O Coronel e o Diabo**, que deverá ser minha obra definitiva, já com 300 páginas de sinopses. Espero que venham mais outros, mas agora estou dando a este livro tudo que tenho na cabeça.

Bariani Ortencio

COMPRANDO CHUVA

Buriti Alegre, grande centro agrícola e pecuário, e uma das cidades goianas mais privilegiadas devido à sua situação financeira. Em seu município, a plantação se estende morro acima. Tudo é colossal. A roceirada esfregava as mãos, contente. As colheitas naquele ano iriam satisfazer. Tudo estava verde. O arroz começava a cachear e era uma promessa. Alguns colonos estavam tão entusiasmados que, ao deixarem o trabalho, à tarde, ficavam admirando o tapete verde em contraste com os últimos raios de sol, avermelhados, dourando o cimo arrozal, até que a noite surgisse e tragasse aquele sonho. Só então os caboclos voltavam a si e lembravam-se de ir pra casa, doidos de fome, surgida na hora.

Os agricultores começaram a sentir um friozinho na “suã”: foi quando repararam o céu e viram-no limpo e muito azul. Aquilo, pra namorados, enfeitado com lua, era bonito, mas... para dono de roça?... não era bom sinal. Céu limpo é sinal de estio, sinal de seca; e seca, para quem tem roça cacheando, é desespero. Passaram a confiar, com muito afinco, em Deus. Promessas, as mais diversas, surgiram aqui e ali. Ao cumprir qualquer promessa, mesmo a mais absurda, não faltava ninguém. A devoção era comum, mas os pecados dos homens de toda a terra exigem maiores sacrifícios e eles precisam ser castigados; a seca era patente.

- Será qui num chove, gente!?
- Deus é bom pai...
- Si num chovê tá ruim, mãe!...

— Paciência, fio... fé em Deus, fio...

Os dias amanheciam claros e o sol era intolerável; o calor fazia ondas nos carregadores. Acentuou-se o desespero dos colonos. Andavam com os olhos no gado, pois quando uma vaca levanta o focinho, cheirando o ar, é porque vai chover. Reparavam constantemente no céu, vendo se, em torno do sol ou da lua, formavam círculos. Isto também indicava chuva. Papagaio assanhado, também é sinal. O saleiro da cozinha era vigiado, pois se o sal melasse, o tempo mudaria. Tudo observado, nada acontecido.

As promessas, sim, eram as maiores raízes dos náufragos. Ferriam Santo Antônio no feijão e enterravam São Benedito. Procissões e mais procissões seguiam, pachorrentamente, pelas estradas, todos contritos e pronunciando rezas, as mais diversas, as mais absurdas e as mais bravas. A tudo era recorrido. Os olhares, esperançosos, levantavam-se, de vez em vez, vendo o céu tão azul, sem nenhuma mancha para agradecer. Para quem não tinha roça, não era preciso céu mais bonito. Quem tinha arroz velho, guardado, torcia ao contrário, para pegar melhor preço. As cruces das estradas eram lavadas com água benta, tendo os pedestais cobertos por velas acesas. Nas chamas, folhas secas de indaiá bentas no último Domingo de Ramos. A fé, no homem, é um comércio e, quando ele está sendo prejudicado num determinado negócio, muda de ramo. Apelaram, então, para o diabo. Incumbiram, disto, nomeando como embaixador do inferno o Ditão, um preto velho do lugar, macumbeiro ao extremo, arrumador de “coisas”. Tirador de “trens” dos fracos mentais. Ditão saía, à meia-noite, para a encruzilhada, onde sempre há uma figueira, e fazia das suas. Porém, se a primeira não valeu, a segunda, muito menos. Não havia mais esperanças; a lavoura estava perdida.

Por infelicidade ainda maior do Manoel Lourenço, sitiante que também rodara com a lavoura, morreram-lhe a filha, uma garotinha de sete anos, anêmica, muito raquítica mesmo:

— Antes assim... foi Deus qui tirô... a coitadinha discansô...

Estes lugares comuns de velório eram ditos pelas mulheres consoladoras, a mãe infeliz que não se conformava...

A roceirada, compadecida, seguia o enterro, até à cidade, uns oito quilômetros dali. No cemitério, estava aberta a sepultura. O coveiro abriu o caixãozinho, cor-de-rosa, como de praxe, para que todos dessem a derradeira despedida.

João do Rufino, caboclo sempre alegre, muito brincalhão, também estava ali. Nem o ambiente e nem o mau tempo tiraram-lhe o bom humor. Meteu a mão no bolso e sacou um níquel de duzentos réis, dizendo, ao colocá-lo dentro do pequeno caixão:

— Isto é pra São Pedro mandá em chuva.

Feito o enterro, todos benzeram-se e retiraram-se. Antes de chegarem em casa, o tempo fechou. Era crepúsculo e o raio clareou aquilo tudo, seguido de trovoadas que chicoteavam o espaço.

— Hei trem bão! É chuva qui evém, gente!...

— Benza Deus!... Arguma coisa vai sarvá!...

João pisou a soleira do seu casebre já com o lombo molhado e o coração a lhe saltar do peito de susto do bombardeio celeste. Foi um temporal medonho; o vento assoviava em todos os sentidos; as águas cavavam buracos de todos os tamanhos. Foram quatro horas de tempestade, ou, em melhores termos, de destruição. O mantimento que escapara ao rude malhar do sol, rodou agora. O rancho do João foi também para as tampas e ele, não se sabe como, escapou e agarrou-se numa árvore, com as unhas compridas e sujas enterradas no tronco, como se fosse tamanduá. O seu moinho de fubá foi tragado pelas águas avassaladoras e as escassas moitas de bananeiras foram arrancadas, como se um gigante lançasse mão delas. Toda a chuva que faltara veio de uma só vez.

Joãozinho nunca mais quis saber de roça, de graça, de enterro, de nada. Deu, agora, pra beber cachaça. Ninguém lhe perdoou. Culparam-no em cheio. Quis dar o fora de Buriti, mas o seu mundo era só aquilo. Não acreditava que houvesse outros lugares. Havia visto falar em Santa Rita do Paranaíba, em Bananeiras, em Corumbaíba, Morrinhos, mas não acreditava que fossem cidades; aquilo, para ele, era conto de fadas.

Atendia somente o padre do lugar, mas nem o próprio padre conseguiu tirar-lhe a cachaça.

Certo dia, bebia pinga na venda, quando foi arguido:

— Então, é você o homem que comprou chuva, hein?

— Vai chatiá o bodi...

— Comprou duzentão e veio aquilo tudo, hein?...

Joãozinho quis estrilar, mas o interlocutor passou-lhe uma boa dose de cachaça, comprando a paz.

— Eu tomém num sabia qui chuva era trem tão barato...

— Só com aquele níquel foi água que quasi arrazou o Buriti, né?

— Foi trem pra daná... foi castigo de Deus...mas seu vigário falô qui Deus vai me perdoá...

— Imagina só, Joãozinho, se, em vez de comprar duzentos réis, você tivesse comprado um mil réis, hein?!

— Cruz credo! Benza Deus... era o Diluvi...

Vocabulário regional goiano

Indaiá: coqueiro rasteiro.

Coisas: feitiço.

Santa Rita do Paranaíba: nome anterior da cidade de Itumbiara.

Bananeiras: nome anterior da cidade de Goiatuba.

A CAPANGA DE DINHEIRO

Este imenso estado, atualmente projetado no interesse universal, nada era até a fundação de Goiânia. Era um ermo desconhecido, muito rico por dentro, muito pobre por fora. Goiânia foi uma tocha acesa da civilização, afastando a escuridão.

Crimes horrorosos, bárbaros, eram sepultados na mais simples condição: coronel mandou matar, acabou, foi bem feito. Ninguém ousava opor-se em nada. Um parente ou interessado vingava sobre este. Surgia, ainda, uma nova vingança para o mesmo caso, e assim por diante. Havia famílias que se exterminavam umas às outras, partindo de apenas um crime ou mesmo por pouca coisa.

O coronel Joaquim Libório, lá das bandas de Corumbaíba, foi um tipo esquisito. Há muitos anos ali chegava, acompanhado de uma enteada, com quem passou a viver, maritalmente. Trouxe um pouco de gado e de dinheiro, também. Abandonara a família, esposa e três rapagotes, terras e benfeitorias. O gado, pronto a locomover-se, foi levado. Essa atitude foi devido a uma rixa com a D. Sebastiana, começada depois que a Florinda pegou corpo.

Florinda era filha de uma moça da cidade e que não podia ser apresentada à sociedade. D. Sebastiana, por se tratar de parente, embora em grau bem adiantado, acolheu a pequerrucha. Foi muito a contragosto do Cel. Joaquim Libório, pois não se dava muito com despesas e nunca deixava de chorar as misérias, quando precisava comprar alguma coisa, principalmente para os filhos. Imaginem só, ainda mais para filho dos outros.

Mudou de atitude somente depois de 16 anos, quando a Florinda já era uma bonita moça. O padraсто, como nunca deu nada a ninguém, também não desejava dar Florinda em casamento a quem quer que fosse. Despertou-lhe, sim, mas foi um interesse diabólico pela moça. Nada demorou pra desejá-la com loucura. Como era absoluto e rude, deu apenas ordem para que a filha adotiva lhe servisse, sexualmente. A pobrezinha cedia como se estivesse desempenhando um bom papel, sendo obediente, limitava-se a ficar calada, sem revelar nada a ninguém, segundo advertência do coronel. Ficava, às vezes, a matutar o porquê do segredo, pois achava aquilo muito natural, muito bom, muito necessário.

Foi por aí que D. Sebastiana descobriu a coisa. Florinda desenvolvia-se muito e o marido mostrava-se muito interessado por ela. Pela primeira vez, a patroa perdeu a calma e tomou conta da situação. Seu coronel resolveu, também, acabar com aquilo. Juntou o gado, o carro de boi e partiu com os seus trens. Florinda foi esperá-lo bem mais adiante, pois pensou-se que ele havia resolvido evadir-se, por vergonha ou para não diminuir a sua fibra inquebrantável, abalada talvez por uma oportunidade desastrosa, que podia ter muito bem abrangido qualquer um, mesmo um puritano renomado. Mas, nunca nem de leve, alguém supôs que partiriam juntos. Acharam que o coronel fosse reparar o erro e não perdurá-lo.

Comprou uma benfeitoria com uma quantidade desconhecida de alqueires e lá se instalou. Amava pela segunda vez na vida, com apenas uma diferença: agora era um amor mais forte, mais traquejado, com desigualdade apenas de idades. O primeiro amor foi há tanto tempo que nem se lembrava mais. Tudo ia bem e nem mais pensava na velha e nos três filhos.

Certa vez, embrenhou-se pelo mato a fim de tirar madeira para um mangueirão; ao voltar, viu um animal selado na sua porta. Ficou muito encabulado e aproximou-se, afoito: – Quem seria? Um filho? Um ladrão?!... Precisava averiguar primeiro. Viu o visitante sentado no tamborete da sala. Chegou; mas não cumprimentou. Limitou-se a espia-lo, da porta.

O recém-chegado saiu ao seu encontro.

— É o dono?

— Sou. Alguma coisa?

— Tô em trânsito com uma boiada e atraís duma vaca di arribada. Ela disgruaritô pressas banda e me perdi. Vim vê se vancê mi orienta e mi dá cumê.

— Está mesmo na hora do almoço e onde comem dois, comem três.

O coronel proferiu estas palavras da boca pra fora, pois, internamente, contorcia-se de desconfiança e miséria.

— As Corumbaíba tá muito longe?

— Quatorze léguas. Pra onde vai?

— Araguari, pra modi imbarcá o gado.

O boiadeiro ficou quase à vontade e almoçou bem, devido à fome que sentia há muito. Como estava há tempo longe dos centros, mesmo a contragosto, ficou preso de sedução pela cabocla. Chegou a falar-lhe na ausência do coronel. Florinda protestou, mas ele insistiu dizendo que uma moça nova como ela não era para um velho e que sua besta aguentava muito bem os dois. Nada conseguiu. Chegada a hora, despediu-se, agradeceu muito a hospitalidade, a orientação, e partiu. Nem havia se afastado e o coronel indagou da mulher se o tal não havia se metido a “biudo”. Ela, na sua ingenuidade, contou. Sem dizer palavra, o homem, enciumado, pegou da carabina 44, dependurada no prego, e atalhou o viajante.

Florinda, apreensiva, ouviu os dois estampidos mortíferos. O coronel Joaquim Libório voltou e colocou a arma no lugar e manteve-se como se nada tivesse acontecido. Nem, ao menos, se deu ao trabalho de enterrar a vítima. No outro dia, chamou a companheira ao terreiro e, mostrando uma nuvem de urubus que sobrevoavam o local, disse:

— Você, só por ser nova, não vai me fazer de besta não, viu? Urubu é muito e a carniça é pouca, não vai querer matar a fome dos bichos, viu?

Daí pra frente, o inferno começou. Joaquim não ia à roça e não se afastava a não ser acompanhado pela mulher. Passavam difí-

dades das coisas, mas não comprava. Também tudo ali era difícil e a cidade, muito longe. A miséria do homem e o apego pelo dinheiro eram as qualidades que mais sobressaíam nele. Tinha um medo horrórico de a cabocla fugir e levar o dinheiro, que era pra mais de duzentos contos. Esse dinheiro ele havia trazido de casa e era uma economia levada afinco durante toda a vida. Trazia a quantia numa capanga de couro, muito ensebada e dependurada no pescoço. Depois do acontecido, uma desconfiança tremenda apoderou-se dele. Ficou com raiva e separou quarto. O seu era fechado com uma enorme tranca de madeira. A cama era um catre de tábuas, sem colchão ou qualquer outro forro. Dormia de bruços, por cima da capanga e com os braços cruzados, prendendo a carabina. O seu ciúme modificou. Já não pensava tanto na companheira. Possuía obsessão pelo dinheiro, agora.

Um dia, depois de algum tempo, o usurário foi avisado pela mulher que um cavaleiro descia o espigão. O coronel, alucinado, preocupado em excesso pelas suas economias e com os olhos na cabocla, não titubeou em pegar a carabina. Por uma fresta da parede de pau a pique, montou guarda. O chegante caminhava, despreocupado, para a sede. Florinda, compreendendo a situação, ficou aflita. Nada demorou e o homem tombou a sela por disparo do tocaieiro. A moça desatou-se num choro sentido. O assassino colocou outra bala na agulha e esperou, até certificar-se que a vítima vinha sozinha.

Como era do costume, deixou o morto onde havia tombado. O animal, despreocupado, pôs-se a pastar nas imediações. Joaquim Libório não se apartou da arma. Florinda, depois de passada a crise, virou a olhar para o lado do espigão. Reparou que o cavalo não era estranho. Disfarçadamente, foi até lá. O animal reconheceu, era o Brioso. Uma curiosidade, acompanhada de um medo terrível, apoderou-se dela e foi com espanto que reparou no rapaz abatido.

— João, é ocê, meu irmão?!

O coronel ouviu o lamento e foi até lá, pronto para liquidar a mulher traidora, pensando que havia matado um seu amante.

Ao aproximar-se, com força estranha, impulsionada pela situação, a jovem, com os olhos fulminantes, ergueu-lhe o rosto, ensanguentado. Ninguém teve forças para pronunciar uma só palavra. O desgraçado do pai sentiu-se possuído de enorme culpa e, mesmo assim, dividiu-a com a companheira. Sim, não restava dúvida alguma que a culpada daquilo tudo que havia acontecido foi ela. Reconheceu que mulher tem que entrar na vida do homem, uma vez só. Amor de velho por moça nova somente poderia dar naquilo mesmo. O seu caso era ainda pior: Florinda era como a sua própria filha. Agora sentiu ódio da legítima esposa. O que teria ela de pegar filho dos outros pra criar!

Ficaram taciturnos por mais de um mês. Depois viu que o malfeito não podia mais ser reparado e conformou-se.

O dinheiro da capanga, de vez em quando, mofava. O coronel ia para o terreiro, sempre pela manhã, quando o sol estava bem quentinho e esparramava as notas no chão pra secá-las. Eram umas quatrocentas notas de quinhentos mil réis. Para que o vento não as carregasse, colocava uma pedrinha em cima de cada uma. Aquilo até se tornara distração. Nada havia melhor que namorar aquele mar esverdeado de dinheiro. Podia-se dizer que aquela fortuna era o terceiro amor do coronel. Ficava, horas inteiras, andando em redor daquilo, com a 44 cruzada nos braços, sempre pronto para o que desse e viesse. Trazia as mãos cheias de cascalhos e jogava-os, incessantemente, nos porcos que desejavam fugar as notas tão bem enfileiradas. Até que tudo não estivesse bem seco o homem lutava, desesperadamente, com os porcos. Depois o dinheiro era recolhido, novamente, na capanga de couro e dependurada no pescoço.

Um dia ele não se levantou cedo, como era costume. Florinda ficou curiosa e foi espiá-lo por um dos buracos da parede. Viu-o contorcendo-se todo, muito doente. Ofereceu-lhe ajuda. Os sintomas eram de pneumonia. Chás, os mais bravos que se pode imaginar, foram servidos. O doente piorava, sempre mais. Desconfiou, assim, que estava sendo traído e ia morrer. Julgan-

do que não pudesse se defender de algum assalto, trancafiou-se, novamente, no quarto, e prostrou-se sobre o catre, com a capanga por baixo e a carabina a lhe servir de travesseiro. Gemeu por muitos dias, sem aceitar um chá, sequer, pois temia que a cabocla lhe passasse o porrete na cabeça, acabando de exterminá-lo para apoderar-se da capanga. Depois os seus gemidos não mais foram ouvidos pela mulher.

Esta, então, olhou pelo buraco e o viu no catre. Chamou-o, docemente. Não respondeu. Chamou-o forte. Nada. Gritou, como uma louca. O homem estava morto. Sem saber o que fazer, correu de cá pra lá, por diversas vezes voltou e chamou mais. Os mortos não respondem. Certificou-se do ocorrido. O que fazer? Vizinhos não havia. Arreou o Brioso e demandou a cidade. Andou mais de um dia. Voltou com as autoridades. Os homens da lei derribaram a porta rústica. O coronel já não cheirava bem. Ali, mesmo entre eles, cortaram a alça da capanga, pois o morto estava duro, rígido e não queria soltá-la. O delegado, com fúria, emocionado, enfiou a mão e arrancou as notas. Todos ficaram perplexos. Ninguém disse uma só palavra.

Florinda perguntou:

— Muito dinheiro? Vale muito?

O delegado atirou, com raiva, o bolo de notas no chão e foi até à janela, emocionado. Depois, virando-se para Florinda, disse:

— Dinheiro caducado!... Não é cruzeiro. Mil réis não valem mais nada...

Florinda, no velório, não rezou uma só vez pelo defunto. Sentia era um horror, um nojo pelo padraсто que a infelicitara e era um monstro. Enterraram-no ali mesmo, onde havia sepultado o irmão, aproveitando a mesma cruz. Não quis ir com eles. Disse que ficaria sozinha, pois sabia que, qualquer dia, passaria por ali um extraviado, atrás de alguma arribada e se simpatizasse com ela... Quem não gosta de uma fazendeira bonita, com muitas terras, muito gado e desimpedida?

Vocabulário regional goiano

Coronel: título comprado, na maioria das vezes, em outros tempos, por uma determinada quantia ou doado por merecimento, mesmo ao civil que tivesse bastante influência, principalmente política e pudesse levar muitos eleitores para as urnas; todo fazendeiro forte tinha o título de “coronel” ou adquirido legalmente ou por consagração na língua do povo.

Alqueire: o alqueire goiano é o dobro do paulista e é de 80 litros de terra, com 48.400 metros quadrados.

Tamborete: banco para uma só pessoa, comumente de 3 pés; no interior, ainda hoje, é difícil encontrar cadeiras nas fazendas; banco geral e tamboretas.

Arribada: o animal, sempre vacum, que foge da boiada.

Desguaritar: pender para um lado, no sentido de afastamento.

Biudo: saliente, entrão.

Capanga: neste caso, embornal. Capanga é sinônimo de jagunço.

Catre: cama principal da fazenda.

Sede: casa principal da fazenda.

Pau a pique: parede de madeira fincada.

Espigão: divisão do terreno elevado em duas águas pluviais ou fluviais.

PALADAR DE FOGO

João Mineiro, natural de Abaeté, há muito que se transferiu, com família e tudo, para o nosso estado. Bom homem, muito trabalhador, ótimo chefe de família, apesar de ser solteiro, era estimado por todo mundo.

Desde que lhe morrera o pai, passou a cuidar da casa, quando, então, resolveu mudar-se para cá, cumprindo um seu antigo desejo. O João Mineiro era tudo no lugar: o sanfoneiro das pagodeiras, o “buscador” de remédios para os doentes, o confidente e conselheiro amigo. Era sempre o primeiro nos banguês. Não deixava ninguém perder, sozinho, mantimentos no mato. Possuía, acima disso tudo, uma boca danada pra beber “trem” quente. Ninguém ficava satisfeito ao oferecer-lhe uma xícara de café, leite, chocolate ou chá.

— Tá bão o meu café, seu João?

— Especial de mais da conta. Tá muito bão di tempero e tudo mais. Só qui tá frio.

E, isto sim, o bule vinha soltando fumaça por todos os lados. Tinha gente que vinha correndo da beira do fogão para servir o líquido bem quente, mas o João Mineiro achava sempre frio.

Certa vez, D. Avelina jurou ao Chico Gandra, seu marido, que nunca mais serviria nada ao tal. Onde é que já se viu alguém sair descontente com alguma coisa que ela fizesse? O marido, homem credenciado, goiano, família de tradição, prometeu à esposa que tal coisa não sucederia mais em sua casa.

— Pois eu num faço, Chico, dexo ele no jejum, mas num faço. Num hai nem marido nem ninguém pra mi fazê eu arrumá qualquer trem prêsse home.

— Isso vai sê cumigo, muié. Ele se gava muito de sê bão capadó. Aminhã vô mandá buscá esse tar pra modi capá umas poica. Quero desabusá esse minero e vai sê logo na chegada.

O sol lá ia pelas quatro e meia quando o seu Gandra virou para os fundos e gritou:

— Fio?!

— Pai!...

— Cadê ocê, minino?

— É já, pai.

— Arreia a Tostada e ruma já pra casa do João Mineiro é fala que mandei falá pr'ele dá u'a chegadinha inté aqui, aminhã bem cedo.

— Fazê o que, pai?!

— Ora, fazê o quê!... Capá poico, minino!...

O garoto encilhou a égua e partiu, sumindo logo no capão. Deu o recado e trouxe a resposta afirmativa:

— Mandô dizê que aminhã vem tirá o jejum aqui.

— Ele é qui pensa...

— Que, pai?

— Ora que o que, minino? Vai desarriá a Tostada e enche o pilão do munjol.

Quando o dia amanheceu, o Chico Gandra lá estava no fogão com uma caneca de alumínio cheia de chocolate bem quente. Atiçou ainda mais o fogo e deixou o líquido num tal ponto que nem fumaça mais saía. Da janela, avistou lá bem na frente, o mineiro que acabava de sair do capão. Mandou que a mulher soprasse bem a chama da fomalha e foi fazer sala. O cavaleiro entrou no curral e rabeou o animal no toco, em frente à porta da sala.

— Bom no trato, né?

— Vi sempre falá qui minero é iguar ingrêis. Nós semo firme nos trato. Bão dia, seu Chico.

— Munto bão dia; cumo vai a obrigação?

— Cumo Deus é servido.

D. Avelina pôs a caneca para avermelhar e o líquido já estava se evaporando quando ouviu o marido.

— Véia, traiz aí um trem pro sô João sentá o estamo.

— Nada mau, seu Chico, puis eu num tomei nada im casa acunfiado nocêis.

— Bão dia – cumprimentou a dona da casa, passando o chocolate para uma caneca de esmalte.

— Bão dia, inhá sinhora. Tô sempre dando trabaio, num é?

— Nada disso; o prazê é nosso...Trabaio nenhum.

João Mineiro, acostumado a tudo frio, trouxe quase que todo o líquido de uma só vez. Ficou muito sério e um suor frio brotou-lhe pela testa inteira.

— Que tal o meu chocolate, João? Tá frio?

— Tá sirvino. Eu preciso é vortá pra casa nesta hora...

— Não, sô João – disse Chico Gandra –, bamo capá poico!?!...

— Isquici o meu canivete di cunfiança e vô buscá ele – balbuciou, quase chorando, e já pegando as rédeas do animal.

— Num carece di í, não... eu teim um munto bão aqui, mas vancê é qui sabe.

— Nóis dêxa...

O nosso amigo nem mais nada ouviu, pois já ia longe, espo-reando o cavalo. Ao entrar no capão de mato, meteu o dedo na garganta e vomitou bem no pescoço do animal, que rinchou e saltou até derrubar o cavaleiro da sela, desaparecendo estrada afora, rumo de casa.

João Mineiro nunca mais foi descortês com as donas de casa, que o estimavam muito, e vendeu, depois disto, o cavalo, pois disse que um homem como ele não devia andar montado em frango de pescoço pelado...

Vocabulário regional goiano

Banguê: no sertão, ainda em muitos lugares, não se enterra defunto em caixão. É enrolado em um cobertor, ou lençol, amarrado a um caibro roliço que vai aos ombros de dois homens, levando aquele fardo até o cemitério ou lugar designado para isto, pois o cemitério em muitos lugares é luxo.

Trem: os goianos são criticados por chamarem a tudo de “trem”. Dizem “trem” a qualquer objeto, concreto ou abstrato. Se tem uma dor no estômago, dizem sentir um “trem” no estômago. Não se sentindo bem, dizem estar sentindo um “trem”. O “trem” dos goianos é a “coisa” dos outros estados. No interior de São Paulo se vê, comumente, alguém chamar um indivíduo de “coisa”: - “Ô, coisa, vem ver esta coisa aqui que não estou achando certo”. Quando as minhas filhinhas querem comer alguma gulodice, dizem: - “Pai, quero comer um trem...”. Certo dia, indo do bairro de Campinas para Goiânia, de caminhonete, para entrar no asfalto, adverti a um viajante que estava comigo: - “Vê se desse lado vem algum trem” e ele olhou e disse que não vinha. Entrei e quase atropeliei um caminhão. Censurei-o: “Eu não disse para o senhor olhar se vinha algum trem?”, e ele, sem graça, respondeu: - “Eu olhei, mas não vi trilhos...”. Se o leitor olhar a enciclopédia, verá que os goianos falam certo, pois trem é empregado, com acerto, por eles. Pelo menos, é contagioso.

Obrigação: família. No interior, usam perguntar, ao cumprimentar um chefe de família: “Como vai a obrigação?”.

A INDOLÊNCIA DO JOAQUIM

Aparência do local onde se situa o casebre do Joaquim é a de um pedaço de oco de mundo: o rancho engolido por dois morros e, lá, no sopé, a roça magra do caboclo. Roça, no sentido da palavra: alguns pés de milho amarrados por ramas de abóboras e, adiante, um raquítico mandiocal que nem dá para os tatus comerem. A casinha, coberta de sapé e de paredes plantadas por uns paus a pique, tão esburacadas que nem impedem a livre passagem do vento, a que a lua beija, com beijos de prata, os cacarecos imundos daquele lar pobre. Ao redor, o mato rasteiro, fuçado por um porquinho magro e sem esperanças futuras de faca. Lá, bem mais abaixo, está o único vizinho, a comadre Maria, uma velha parteira que havia puxado para o mundo os três filhinhos de D. Joana, mulher do Joaquim.

A sorte parecia querer favorecer o sertanejo de início, pois lhe dera a Joana, que era um pé de boi para trabalhar, e três filhos homens. Foi quando ele teve coragem de começar a plantar uma roçazinha. Depois, como Joana ajudava muito na roça e o matuto, achando que somente o trabalho dela era suficiente, nem ia mais lá. A pobre mulher fazia arrumação do rancho, cozinhava, tratava das crianças, e quase que da roça, sozinha. O Joaquim passava o dia inteiro sentado, enrolando um cigarro de palha ou picando um pedaço de “macaia”. De vez em quando colhia umas abobrinhas, uns atilhos de milho verde e ia vender aquela fraca mercadoria na cidade. Andava muito, é verdade, mas sempre dava para

trazer uma garrafinha de pinga, um pouco de sal e açúcar. Algu-
ma roupa a mulher tecia no tear cambeta, que constituía o maior
móvel da casa. Para a lamparina sempre tinha óleo de mamona,
que a Joana catava nuns pés nativos e socava no pilão.

— Trabalhar, pra quê? – pensava o Joaquim.

Aquele lugar era mesmo um ermo, apesar de ficar perto da ci-
dade. Buriti Alegre era ali mesmo. Era um lugar isolado, porque a
pobre Joana está com aparência de “doença ruim”, e, por isso, nin-
guém ia lá. Talvez ela trabalhasse tanto porque o serviço faz esquecer
e distrai. De vez em quando Joana dizia:

— Ô, Joaquim, os fio tão crescendo de toada... precisa omentá a
roça... ocê precisa dá um jeito de trabaiá; a famia tá crescono, e famia
grande é um buraco pra gastá.

— Num precisa si afobá, Joana, vi falá, em Buriti, que as coisa
vão miorá. Purisso, num precisa s’afobá... dêxa a roça do jeito que
tá memo...

Assim, a esposa no trabalho cotidiano e o marido, numa in-
dolência permanente, viviam uma vida de miséria, uma vida de
imitação. E, de fato, Joana tinha razão, pois já estava esperando o
quarto filho.

Certo dia, ali pelas três horas da tarde, a água fervia sozinha
na panela; as três crianças, agarradas à saia da mãe, choramingavam
de fome. Nem força pra chorar direito tinham, pois o amarelão havia
requisitado o ânimo delas. Dizem que o sofrimento é a paga do mal
praticado – mas qual é o mal que praticaram aquelas criaturinhas
amarelas, clorofiladas e barrigudas como a mãe? Mal hereditário?

— Mãe... quero cumê...

— É já, fio. Espera um poquinho, bem. É já...

— Tô cum fome, mãe – reclamava o maior dos barrigudinhos,
quase rasgando o pedaço bom da saia de algodão da infeliz mulher,
que procurava, angustiada, enganar os pequerruchos, enquanto que
o Joaquim, sentado num coxo velho, esquentava a carcaça carregada
de sessão, e, com um punhal, escavocava os dedos, tocando de roda
das batatas cheias do seu sangue aguado, descorado pelos micróbios.

O pirralho menor, com apenas mais de um ano, cem por cento inconsciente, arrastava-se pelo chão, entretido em apanhar um grilo, o que não conseguia nunca.

Joana enxugou as mãos nos quadris, agachou-se para passar na porta, e implorou ao marido que lá estava, indiferente à desgraça que o agarrava como uma hábil aranha que enleia um inseto.

— Joaquim, tem dó dos fio, Joaquim... Vai na roça buscá u'as espigas de mio verde e arguma abrobinha pra fazê um cumê pr'eles... Eles inda num armoçô hoje, Joaquim...

— Dêxa o sór esfriá mais, ué!... assim já janta d'ua vêis...

Joana sentiu tonteiras e encostou-se numa bruaca; teve ânsias de vômitos e, depois, contorceu-se toda, com horríveis cólicas.

Compreendeu afinal que, se não fizesse a comida logo, não poderia fazê-la depois. Resolveu ir, ela mesma, buscar os trens na roça, a quase um quilômetro dali, no sopé do morro defronte. O Joaquim nem deu com a saída da mulher.

Joana quebrou um atilho de espigas, colheu duas abobrinhas e, ao apanhar umas pimentas num arbustozinho que nascera talvez por sementes levada por algum passarinho, para dar um sabor a mais na sopa, sentiu queimar-lhe o peito do pé. Não havia ligado, pois achava que fora proveniente de algum ramo de urtiga, comum ali, mas, como ardia-lhe muito, parou e pôde ver umas gotas de sangue; voltou, e, com os olhos arregalados, deparou com uma cascavel que lhe botava a língua como que lhe criticando a desgraçada situação.

Tomou, incontinente, o rumo de casa. Um suor frio descia-lhe pela frente e, por muitas vezes, teve de parar, pois a tonteira impedia-lhe de ver o trilheiro. Chegou esbaforida, ordenou, com uma voz de santa, que o marido fosse chamar a comadre Maria.

— Vai dipressa, Joaquim, diga que tá na hora de dá a luiz, e que a cobra me pegô. É cascavé, Joaquim!... Anda digero, pelo amô de Deus, Joaquim... Nem seio se dô conta di fazê a comida dos fio.

Joaquim, desta vez, atendeu a mulher. Acabou de enrolar o cigarrinho de palha, colocou-o atrás de uma orelha, tirou um

“quimba” da outra, acendeu-o com o isqueiro, e lá foi, vagaroso, baforando, espantando as muriçocas. Quase ao dobrar o cotovelo do caminho, parou no monte de pedras de fogo e pôs-se, pachorramente, a escolher um calhau de boa chispa, pois o seu já estava bem pequeno e o pedaço de lima velha grosava-lhe quase sempre o dedão da mão esquerda.

Seguiu adiante e só parou para catar umas maminhas-cadelas que um burro velho derrubara ao coçar-se na árvore. E lá se foi o displicente, rumo à casa da comadre Maria. Apressou-se mais, pois não tardaria a escurecer, e ele sempre teve receios de andar sozinho à noite, no mato.

Contou o caso à comadre, remexendo a semente da fruta selvagem entre os cacos dos dentes.

— Que Deus seja louvado! Coitada da comadre...

E a boa mulher saiu, quase correndo, para fazer o que pudesse, pois reconhecia já ser demasiadamente tarde. Em poucos pulos, chegou até lá, e, entrando:

— Não, meu Deus! ... não pode ser!...

D. Maria se atirou de bruços na cama-jirau, chorando amargamente, num pranto que emitia gritos que se abafavam na solidão.

O Joaquim sentiu-se meio idiota quando chegou, bem depois, e não teve coragem de transpor a soleira do pau roliço.

O quadro era horroroso e comovedor. A desventura da mulher estirada de sopino, preta pelo veneno da cobra e, ao seu lado, uma recém-nascida ainda pregada à placenta, estava agarrada pelos seus ingênuos filhinhos que choravam, já com os olhos secos:

— Mãe, quero cumê, mãe; quero cumê, mãe...

— Tô cum fome, mãe...

Lá fora, alguns “pinga-fogo” riscavam o negror das trevas, pois a escuridão naquela noite, mais negra do que nunca, veio célere, trazendo o humilde casebre, escondendo toda aquela desgraça.

Vocabulário regional goiano

Atilho: *quatro espigas de milho*

Cambeta: *fora do centro.*

Doença ruim: *lepra e tuberculose.*

Sezão: *malária (febre, maleita, treme-treme).*

Urtiga: *planta rasteira que queima como fogo, porém de efeito rápido e sem prejuízo para o paciente.*

Quimba: *toco de cigarro.*

Muriçoca: *pernilongo.*

Mama-cadela: *fruta do mato (campo), pequena, amarelo-alaranjada, quando madura, e polpa lingueta e borrachinosa (“chiclet” de pobre).*

Cama-jirau: *cama improvisada, alta, constando de quatro forquilhas e o leito ou lastro de varas.*

Pinga-fogo: *pirilampo, vaga-lume pequeno, pisca-pisca, caga-fogo.*

Idiota: *idiota, em Goiás, principalmente na velha capital, era a designação, quase comum, para o que chamamos, em outras partes, “bobo”, principalmente aos filhos de parentes entre si, casos mais frequentes de nascimentos desses infelizes. A velha capital era a cidade do estado que maior número possui de débeis mentais. Era bem difícil ter uma família que não se ocupasse dos seus serviços, pois eram ótimos servidores.*

O COLOSSO DO ARRAIAL

Não havia nada melhor para o Porfírio que ser o tal no arraial de Santo Antônio. Ninguém pode imaginar o quão importante se torna um caboclo em sendo o tal, nisto ou naquilo na sua terra. Por exemplo: um, o melhor capador; outro, o melhor benzedor; um outro, o melhor responsador; ainda mais outro, o melhor amansador; e, no caso do Porfírio, o melhor caçador. Deste ninguém duvidava, pois caçava só e não tinha ninguém para desmentir-lhe. O capador podia ser apontado como fracassado num caso de capagem de uma porca; o benzedor poderia aparecer-lhe um dizendo que havia visto uma cobra no sítio que este havia benzido; o responsador encontraria testemunha num caso que não havia apontado, certamente, o perdido; o peão poderia aparecer alguém dizendo tê-lo visto cair dum potro. Isto tudo, um erro apenas em um mundão de casos. Mas, para o Porfírio, nunca houve contradiscência: jamais havia errado um só tiro.

Usava encostar-se no balcão da venda, de costas para as prateleiras, os dois cotovelos apoiados no balcão, tomava marteladas de pinga e metia o seu rompante, contando as suas façanhas do domingo: doze cartuchos que levava e doze perdizes que abatera. Dois cartuchos calibre 12 na mata e uma pintada no banguê, ainda com um dos cartuchos no outro cano por via das dúvidas.

Ninguém duvidava da sua calma. Numa caçada de queixadas, de cima de um galho rasteiro, urinou no último bicho para que os outros o estraçalhassem e, amontoando, pôde abater uma dúzia de

um só tiro de sua 12. Era o mesmo que canhão de guerra, afirmava. Se alguém perguntava pela carne, pois nunca vira dar ou vendê-la a alguém, logo um outro entrava no meio e o fazia ver a quantidade de cães que o homem possuía. Era preciso dar carne de bicho para os cachorros, para que estes se animassem. Porfírio nem precisava se defender, pois tinha os seus “advogados”.

Certa vez, apareceu um rapaz todo equipado de caçador, trazendo uma carta do coronel Tibúrcio, um fazendeiro político dali, que possuía um campo de aviação na sua fazenda. A carta dizia o seguinte:

“Meu distinto amigo Porfírio.

Bom-dia.

O portador desta, filho de um amigo meu de São Paulo, é apaixonado por caçadas, seja lá qual for. Veio de avião próprio até aqui, pois lhe havia dito que o senhor é um exímio caçador. Quero ter o prazer de apresentá-lo e pedir-lhe o especial favor de acompanhá-lo em algumas das suas famosas caçadas, fama esta que o amigo desfruta dentro da capital paulista. O que o senhor fizer por ele pode contar certo que está fazendo por mim. Antecipadamente, muito lhe agradeço pelo bom acolhimento, como tenho certeza, que dará ao rapaz.

Do seu amigo, Cel. Tibúrcio”.

Porfírio, depois de muito pelejar com as letras, ficou dono da situação. Era o tal mesmo, não restava dúvida. Sabe lá o que é ter fama até “dentro de São Paulo”?!...

Fez questão que, todos os que podiam, vissem e lessem a carta. Pensou, no momento, em até candidatar-se a prefeito de Firminópolis; vereador era pouco demais para tanta fama. O seu olhar superior abaixou as cabeças de Santo Antônio a seus pés e sentiu não caber mais dentro do arraial. O seu pensamento voou até São Paulo, imaginando a imensa cidade a seu modo, pois nem sabia para que banda ficava a capital dos paulistas. Depois voltou-se ao rapaz e falou com grande camaradagem:

— Então o sinhô gosta mermo de caçá?

— É o esporte que mais adoro; sempre desejei caçar em Goiás e, agora, com um caçador como senhor, nada mais terei a desejar.

O matuto ruborizou-se todo e marcou para o dia seguinte, que era domingo, uma caçada de perdizes.

Ainda de madrugada, o dia já se apresentava com muita luz, pois o sol caminhava em grande velocidade para apreciar a caçada de perdiz do Porfírio e do jovem paulista. Este trazia cantil, cinta cartucheira, bota de cano longo, blusão de couro, capacete, uma dúzia de lacinhos atados à cinta, para amarrar as perdizes, embornal de lona para cartuchos, garrafa térmica encapada e, atada à cinta, uma espingarda da Tchecoslováquia, calibre 20, e toda encastoadada em prata. Na parte da coronha, fora o cano e o ferrolho, todo o metal era prata, além de uns desenhos floreados. A madeira desta era de Riga. Se falassem em 20 mil cruzeiros por ela, era o mesmo que desfeitear o rapaz.

Com o Porfírio, a coisa era diferente: de bom, só tinha o cachorro. Era um perdigueiro de mão-cheia. Muita beleza pra um cachorro só. Atendia pelo nome de Pintado. O mais era a espingarda de dois canos, chumbeira, coronha de garapa e o resto, muita ferrugem. Uma sandália de correias trançadas e solado de pneu; uma calça e camisa de algodão pegador de picão e carrapicho, tecidos em casa; uma tira de couro cru lhe servia de cinto; um chapeuzinho de palha com um barbante pelo queixo, um embornal de couro com farofa de carne seca com rapadura, um vidro de Biotônico Fontoura cheio de café frio e meia garrafinha de pinga. Do outro lado, num outro embornal, umas cabacinhas contendo pólvora, chumbo, escorva e bucha de cerca; estes eram seus “mantimentos”. Se o Porfírio não se virasse, eu não teria visto o seu facão Jacaré preso à cinta, na parte cardematatorial. Palha de cigarro não levava, pois, nas caçadas de perdizes, usava sempre pito de loja para não perder tempo.

— Hoje nós bamo a pé mermo; o campo fica ali mermo; to-mém enquanto nós anda, vô ti ensinano a caçá perdiz.

— Perfeitamente, o senhor é quem manda.

Porfírio acendeu um Bervely, cuspiu comprido e começou:

— Caçá cum o Pintado é muito fácil; o danado até insina a gente. Quando ele vê caça, cuméça a negaciá, vai arrastano e balançano o rabo; depois óia a gente pra modi vê as orde e amarra a bicha; entonce vancê precura o lado a favor do sór, óia pra frente pra num acertá narguma criação e faiz assim c’ua espingarda! – Nisto levantou a arma em frente ao corpo como quem diz: Vamos! – Aí, entonce o Pintado dá o bote e a ave voa; vancê que já deve tá cós cão arregaçado, sigura no ponto e dêxa a danada prainá. Não atira quando ela tá bateno asa que é disperdiçá “mantimentos”. Si acertá, podi dexá que o Pintado traiz na boca. Vancê num vai desanimá à toa, não, hei! Nos premero tiro, num hai quem acerta; isso depende di munto trêno. Eu num erro amordi trêno...

O rapaz ouvia tudo atentamente e caminhava satisfeito. Entraram no campo. Seu Porfírio desamarrou o Pintado, que saiu fazendo mil e um caracóis, cheirando tudo e abanando o rabo, o mestre escorvou o ouvido da chumbeira, tomou posição e saiu acompanhado o perdigueiro. Fez mil recomendações ao aprendiz, que com tudo concordava. Nada andaram e o Pintado deu com a coisa.

— É agora – disse Porfírio. – Eu vô atirá premero pra modi vancê vê cumé qui é.

Caçador e cachorro se entenderam, mutuamente; a perdiz levantou voo e, quando serenou, o caçador meteu um tiro, depois, outro, errando ambos. O moço esperou que ela serenasse mais uma vez e abateu-a somente com um tiro da sua 20 prateada. Seu Porfírio ficou assustadíssimo e murmurou:

— Vancê tem antimanha cum argun trem, minino. Pois eu nunca errei e nunca vi ninguém acertá dessa lonjura!...

— Fiz do jeitinho que o senhor me ensinou: esperei serenar e meti fogo. Também não sou tão burro, depois de tantas explicações... O senhor errou para dar chance pra mim atirar, não foi?

— Naturá qui foi!...

O Porfírio confundiu-se, nesta altura; não sabia, ao certo, se estava por baixo ou por cima. Nada demorou e o Pintado deu com uma segunda perdiz.

— Agora vancê atira na regra; num dêxa serená duas veiz que, da premera, foi laigura.

O rapaz obedeceu, mas mal apenas a caça levantou voo, ele abateu-a. O mestre ficou boquiaberto, pois a ave não se elevara mais que um metro do chão.

— Vancê num isperou serená!...

— Qual, a graça está em atirar no relance. Também é cada bruta perdiz e a espingarda joga chumbo como uma tarrafa aberta!...

— Atirá no relance é bão pra veado.

E, assim, a caçada prosseguiu: sempre o aluno fazendo proezas maravilhosas. Seu Porfírio fez de tudo para não ser desbancado; trocou de espingarda, fez guerra de nervos ao rapaz, mas nada adiantou. E todo o chumbo dele esgotara. Porfírio artimanhou um plano e disse:

— Bom, vancê aprendeu munto bem. Argumas fáia, mais feiz bom proveito; com a carestia da vida, a vantage é num errá tiro. Aminhã nós bamo é caçá onça.

— Onça?!

Iria fazer uma malvadeza, mas à sua hora.

— Onça mermo.

— Mas eu nunca vi uma onça solta, nem sei como que é caçada!...

— Eu insino.

Quando entraram no arraial, todos vieram curiosos saber o resultado.

— O homem aprendeu dipressa; eu num gastei tiro. Agora, aminhã, nós bamo pras onça.

Todos ficaram incomodados e alguém disse:

— Cuidado que pode sê pirigoso pro hospe do coroné, hein?

Ele respondeu que não havia perigo, pois ali estaria ele para defendê-lo do que desse e viesse, mas, por dentro, remoía-se de inveja do visitante. Seria vingado. Mataria a onça, porém, no último caso. O rapaz teria que quase morrer de medo; haveria de reconhecer as qualidades do maior caçador da zona e pedir-lhe perdão por tê-lo desapontado na caçada de perdiz.

No dia seguinte, saíram pomposos. Porfírio soltou o animal no passo lento para que todos vissem. Agora calçava umas perneiras velhas. A espingarda do moço punha água na boca de muita gente. Uma trela de dois cachorros cabeçudos, altos e finos, ia comendo a poeira dos animais que agora trotavam, fazendo o rapazinho chacoalhar-se todo em cima da sela, como se estivesse assentado numa masseira de padaria. Entraram, depois de uns noventa minutos, na mata espessa e escura. Apearam e, enquanto comiam uma farofa de carne seca com farinha e rapadura, Porfírio deu uma bela aula teórica sobre caçada de onça ao seu discípulo. Ensinou-lhe como notar os cachorros; como portar-se no galho da árvore ou na rede; que só deveria atirar na pá ou na cabeça; que deveria ter um cuidado todo especial com a fera ao feri-la, pois, ferida ou moribunda, vem sempre em cima da fumaça; como manobrar o facão neste caso. Nunca se cansava de pedir que não confundisse cachorro com onça: atirar só na certeza. Contou o caso do Jagunço, um cão de estima, que um compadre havia matado, num terrível engano. Finalmente, destrelou os cães e instigou-os à procura das pintadas. Alvorço e Malhado partiram como dois busca-pés, sem rabo.

— Agora nós ispera eis acolá. Aqui, nessas grotonas de pé de serra, é morada de onça.

Os dois estavam sentados num tronco caído, abatido por um raio, quando Porfírio levantou-se de sobressalto e gritou:

— Deram c'uas bicha!...

Uma onda rubra passou-lhe pelo rosto; os seus olhos miúdos se apertaram ainda mais, num prazer incomensurável; chegara o momento de desabuser o paulista.

— Bamo feito pra colá, bem digêro mermo!...

Os cachorros cercaram a entrada duma grota e latiam, soltando espuma pela boca. Porfírio chegava, sorrateiro, com os dois cães da chumbeira arregaçados. O rapaz, a seu mando, se escondera atrás de uma tora de jatobá, completamente prevenido. O mestre espreitou o mais que pôde e só deparou com dois

gatinhos, filhotes de canguçu. Encostou a espingarda numa árvore e pulou para o buraco, onde suspendeu as duas oncinhas pelo couro do pescoço.

— Vancê já viu trem mais bonito! Chega pra cá! Num tem piri-go, os cachorros num dêxa chegá a mãe.

— Qual, deixamos de rolo: eu aqui estou mais seguro.

Em dado momento Alvorço e Malhado dispararam numa corrida louca pelo mato.

— Deram c'ua bicha! E já ela tá aqui no nim.

Mal acabou de pronunciar estas palavras, a enorme mãe dos gatinhos veio pelo tronco de jequitibá que estava tombado de uma meia altura e saltou dentro da grotá, onde se encontrava o Porfírio com os bichinhos na mão. Este, como meio de defesa, atirou os animaizinhos junto à mãe, que o encantoara. A espingarda estava longe das mãos. Um suor frio lhe empapava a testa e lhe corria pela espinha dorsal. Os pés estavam enormes e de chumbo, pois não podia movê-los; as polainas batiam uma na outra como se ele estivesse num batuque. O paulista, por mais que se esforçasse, nada via, pois não se atrevia a sair detrás do tronco. A pintada, de lombo preto e luzente, contemplava o Porfírio, talvez para dar-lhe tempo de sentir bastante medo.

O latido aumentava e deu grandes esperanças ao Porfírio, pois os seus cachorros o tirariam daquela situação difícil. Mas, acontece que eles vinham mais era trazendo o macho, que media mais de dois metros de comprimento. O enorme gatão parou em cima do tronco de jequitibá e armou um bote certo no Porfírio, que quase ficou cego de medo.

— Me vale, meu Divino Padre Eterno! – pensou.

O hóspede do coronel viu muito bem o canguçu macho e atirou-o bem na cabeça, no momento exato em que deu o pulo no pobre caçador, que, nessa hora, havia arrependido mil vezes de ter ido à caça. O felino caiu mole e sem vida aos pés do Porfírio. A fêmea saltou, incontinente, para a borda da grotá. O rapaz, ato contínuo, atirou-a em cima da pá. A onça, moribunda, caminhou

para a fumaça, mas ele meteu a espingarda descarregada na boca da bicha e, com um golpe certo de facão, quase torou-lhe o pescoço. Os cachorros avançaram, confiantes e, mesmo assim, a onça arrancou toda a carne da cara de um deles.

— Vancê tá-tá vi-vo... moço?...

— Ó, sim; acho que estou bem vivo, graças a Deus; mas as bichas estão bem mortas.

Depois de ter assim respondido, caminhou para lá, pois o nosso caçador afamado de Santo Antônio não tinha forças para se mover do lugar.

— Puxa vida! Que catanga danada têm esses gatos!... nunca vi feder tanto!

— Num é os bicho não: é eu que tô c'as carça cheia; num seio cumé qui aconteceu isso, porque eu caço onça num é d'hoje... eta vergonha danada!

— Bobagem, isto acontece.

Porfírio tirou a ceroula que estava amarrada nas canelas e jogou-a fora; estava bem pesada e inconveniente para ser lavada. Mirou o moço, com demasiada ternura, e ficou por muito tempo querendo dizer-lhe alguma coisa que um nó na garganta o impedia. Por fim, desembuchou-se:

— Parece mintira, mais ainda num seio da vossa graça.

— Rogério; Rogério Beninfonti.

— Rogéro... eta nome bonito! Quano a muié tivé outro fio, vai chamá ansim. Eu tava quereno dizê a respeito desse causo que aconteceu cumigo hoje. Cumo vancê sabe, a gente mora cá no mato, sem adondi í, sem o que vê. Cum vanceis da cidade, inda mais de Som Paolo, a vida é bem mió. Vancê vai no cinema, no tiatro, nas ópera, nas tal de televisão, que já vi falá. Tem avião pra voá cumo passarim presses céu afora. Os prazê de vanceis é munto. Mais nós, cá do mato, qui é que temo? Di dia, trabaiá na roça; di noite, o distraimento é ormenta famía, distraimento que só serve pra infíá mais a gente no buraco. Domingo i dia santo, a gente bebe pinga e vai caçá. Afóra disso, num teim mais nada. Quando a gente consegue uma fama que

quanqué coisa deve zelá pra modi num perdê. O ponto qui eu quero chégá é esse: o sinhô, sô Rogéro, pricisa compriendê bem; eu sô o tár aqui c'uessá fama di caçadô; todo mundo mi qué bem i me respeita por isso; é desse jeito que eu vivo filiz, mermo sem tê cinema i tiatro. Tudo que eu teim no mundo é a minha fama, mermo acima da famia. Si vancê contá na rua o que aconteceu, tô arruinado pra sempre e nem num quero mais vivê. Mais vancê é qui sabe o qui vai fazê... tô só pidino um favô munto grande, qui num custa fazê.

Rogério ouviu a confissão num silêncio profundo e quase de boca aberta. Apertou os olhos miúdos, duas lágrimas lhe saltaram dos cantos: “Que homem simples, meus Deus!... Como não deverá sofrer caso eu revele isto!”. Bateu nas costas do Porfírio e disse-lhe:

— O senhor me ensina o caminho daqui para a fazenda do coronel Tibúrcio e me empresta o cavalo, que eu me vou daqui mesmo. Olha aqui: fica com a minha espingarda de presente; toma o meu cantil e o correião; fica com as capangas; toma tudo de lembrança.

O contemplado ficou por muito tempo sem poder falar, conseguindo-o depois:

— E vancê?

— Eu, quando quiser caçar, comprarei outra tralha. Sempre aparece novidade no gênero e eu gosto sempre de variar.

— Divino Padre Eterno é quem vai lhe pagá. Deus qui ti ajude munto mermo. Santa Luzia qui ti proteja as vista pra modi sempre podê caçá; Som Cristóvo qui ti guie filiz inté o coroné e inté Som Paulo. Tá doido, gente: trem bão é polista...

E, depois de mais agradecer ainda, ensinou o caminho ao rapaz:

— Vancê, sô Rogéro, vai rumo aquele jatobá i arriba na gaiganta da serra; di riba, avista um resfriado acolá, embaixo; chegano no resfriado, droba pra direita n'ua picada di ingenhêro; vai ino p'pressa picada inté no coigo; sobe berano a ceica e vai aprumano sempre, inté dá no currá da fazenda do coroné Tibúrço.

Abraçaram-se, despediram-se. O Porfírio chamou uma proçissão de santos à ajuda de Rogério. Tomou do facão e cortou dois

caibros de aroeirinha, amarrou-os com cipó na garupa do cavalo, paralelos e com as pontas arrastando no chão. Fez uma coroa de folhas e prendeu-a à cabeça do animal, lhe servindo de tapa, para que esta não visse as onças que iria conduzir, amarradas como banguê, nos dois paus. Procurou a ceroula que havia jogado fora e atou-a numa das levas, perto da caça. Dependurou a chumbeira às costas e atravessou a prateada no colo; colocou o cinturão, o cantil e tudo mais e partiu.

Entrava, depois, no arraial. Santo Antônio todo saiu para ver a entrada solene, triunfante e, podia-se dizer, de gala. Os dois filhotes levava-os, seguros, na cabeça do arreo. Muitos lhe perguntaram algumas coisas, porém, não recebiam respostas. O homem estava pior que o Presidente, no Sete de Setembro. Passou defronte a igreja e parou à porta da venda costumeira. A multidão fez o cerco. Entrou soberbo e bebeu uma martelada de pinga. Somente agora, depois da cachaça, o seu medo, adquirido na grotta, havia passado, quase totalmente.

— Cadê o moço? – perguntaram.

Porfírio riu rápido e começou:

— Inda num passô aí, pro riba, di avião?

— O que qui aconteceu?!

— O quai qui aconteceu? O cuipado foi eu pra mode tê levado o pobre n'ua caçada, dessa caçada di onça nunca foi pra minino, não... inda mais di cidade... Matei essas bicha mermo im riba dele, quano tava bulino cos gatim; imagina só, buli cum fioti de canguçu! Num passa di sê sirviço di minino mermo... inda mais de Som Paulo. O coitado – riu disfarçando – num guentô as tra-sêra: vancêis repara a cirola dele aí no cambão – e riu, maldoso. – Uma pintada miô de munto longe e ele saiu loco, correno; gritei que num caricia di corrê, qui num era nada, pra vim panhá os trens e ele gritou assim: “Podi ficá cum tudo pra vancê que eu nunca mais quero sabê di onça, não!... Podi ficá cum tudo pra pagamento di tê mi sarvado a vida”. Aí tá as prova; vancêis repara tudo direito; a espingarda di prata tá no arreo e os outro trem im

redó di mim. Quem lucrô foi eu; o pobre coitado nem in circo di bicho vai querê í mais...

A sua explicação foi interrompida, pois o som do motor do Cessna pôs as vistas dos habitantes do Arraial de Santo Antônio para o céu. O avião, confirmando a história do Porfírio, rumou pras bandas de Goiânia.

Vocabulário regional goiano

Pito de loja: cigarro de papel.

Cardematório: parte traseira.

UM PROCESSO MODERNO

Vicente de Sousa tinha um problema danado pra resolver na sua fazenda: despejar o seu Josias dali. Seu Josias havia fincado o pé no lugar e não sairia facilmente. Recusou dinheiro e muitas outras coisas que o fazendeiro lhe oferecera.

— Olha aqui, seu Josias – propunha o Vicente –, eu lhe deixo sair com tudo que quiser, sem pagar arrendo; pode levar as vacas com os bezerros, os porcos com os leitões, as galinhas com os pintos e ovos, mas pelo santo amor que tem em Deus, vá embora.

Mas o agregado só se limitava em dizer isto:

— Quá, nós dêxa...

O fazendeiro havia contratado o arrendante para que formasse lá tanto em lavoura e criasse o que desejasse, pois sua intenção era derrubar o mato e, depois de um ano ou dois, formar tudo em capim. Seu Josias desconfiou da história e disse que só sairia dali quando enfraquecesse bem o terreno.

— Ora, tá bão: adonde que já viu formá capim na roça da gente que custou tanto pra fazê...

Era caboclo dos seus trinta e cinco anos, casado de novo, dois anos mais ou menos, com a Dita, uma mulherzinha bem formada e relativamente bonita, apesar da falta de tratos e do serviço pesado, que enfrentava. Assim mesmo ninguém dava mais que vinte anos de idade pra cabocla. O Vicente, desesperado, foi até a casa do compadre Valadares, homem rico da cidade.

— O compadre não calcula como estou avexado com isto; vou até vender a fazenda, se o senhor não me der uma boa ideia.

— Isto é coisa muito à toa, compadre Vicente. Eu vou dar jeito para o senhor. Traga a família para a minha casa que eu irei com a mulher para lá, como novo dono. Diga-lhe que me vendeu a fazenda e, depois de amanhã, poderemos desfazer a troca, pois o seu Josias não estará mais lá.

— Uai! Tão fácil assim, compadre? Mais, olha lá, cuidado com o homem que ele é mal inclinado, hein!

— Nada disso. Verá como usarei um processo moderno. Isto até será bom para mim e a patroa, pois necessitamos de passar uns dias no campo.

Assim foi feito. O Valadares instalou-se na sede da fazenda e, ato contínuo, mandou chamar o seu Josias que, logo depois, entrava no alpendre, amassando o chapéu, tipo cuia, numa esfregação aflita com as mãos.

— Vancê mandô chamá? – interrogou, desconfiado.

— Olá, seu Josias, como é que vamos? Tenha a bondade de entrar, pois a casa é nossa!...

O visitante sentou-se na beiradinha do banco que se estendia pela parede afora, continuando a amassar o seu humilde chapéu, para encobrir a tremedeira.

— Mandei chamá-lo para uma boa proposta. Tirei informações do senhor e vi que, além de agregado e patrão, seremos ótimos amigos. O senhor vai ficar sempre aqui, comigo. Não pagará arrendo algum, plantará quanto quiser, venderá para si todo o leite da fazenda, assim como os queijos e requeijões do que sobrar. Fornecerei o dinheiro que quiser adiantadamente, sem juros e sem prazo marcado. Tudo será como se fosse do senhor, seu Josias.

O felizardo se contorceu todo de contentamento. Tal proposta, numa época desta, é coisa raríssima.

Agradeceu muitíssimo ao novo patrão e um milhão de castelos lhe passou pela mente. Custou, mas havia chegado à felicidade, a tal fruta rara do pobre.

Assim, muito contente da vida, levantou-se para ir dar a boa nova à esposa, quando seu Valadares acrescentou:

— Não, senhor, o senhor não vai assim. Vamos tomar leite com farinha de milho, primeiro!

O homem aceitou e, depois, desejou ir embora, ao que se opôs o anfitrião.

— Não, senhor, vamos falar sobre a fazenda. Para que tanta pressa?

Seu Josias acedeu ao pedido. Pela hora do jantar tentou ir-se novamente, no que não concordou o dono da casa:

— Não vê? Agora que o jantar está quase pronto? Sem jantar, não vai mesmo.

— Mais a muié já feiz tomém a bóia... num visei p'rela di nada...

— Qual nada. O que sobra os porcos aproveitam; nem pense em tal coisa.

Mais uma vez, o roceiro aceitou e comeu como há muito não havia feito.

— Agora vancê dá licença, sinão a Dita fica incomodada. Perciso mermo di í.

— Ora, depois do prazer que me deu até agora com a sua presença, não poderei deixá-lo ir sem uma partidazinha de truque.

— Si o sinhô insisti... nós fica inté mais tarde um mocado.

O relógio soou dez horas quando o homem levantou-se, afoito:

— Agora num tem jeito. Perciso í mermo.

Seu Valadares chamou o empregado, o qual não se fez esperar.

— Vá à casa do seu Josias, leva a Joana e deixa ela pousar com a D. Dita. Ele vai pousar com a gente hoje.

— Não, patrão. A vontade é munta mais num tá no jeito. Perciso í mermo.

Seu Valadares insistiu tanto que ele aceitou. Pouco depois, uma cama estava sendo arrumada na sala.

— Num percisa arrumá mió, não, Sá dona. Eu drumo de qualquer jeito...

— Não, senhor, quem vai dormir aí sou eu – retrucou o Valadares. Acha então que deixarei o meu hóspede dormir desconfortavelmente? Isto nunca! Dormirá no meu quarto, na minha própria cama.

— Mais aqui nessa num cabe vancê c'ua patroa.

— É claro que não. Mas quem é que disse que a patroa irá dormir aí? Ela dormirá no quarto com o senhor!... A gente deve tratar os visitantes com todas as regalias da casa e depositar neles a maior confiança possível.

Seu Josias sentiu uma sensação estranha, uma tremura danada no corpo inteiro, antes de penetrar na alcova do patrão, mas o fez. No mesmo instante voltou dizendo:

— Mas lá tem u'a cama só...

— Pois então o senhor acha que eu não tenho confiança de deixar o meu distinto agregado dormir com a minha mulher? Hoje os tempos são outros e o uso é este. Não há nada de mais, não.

Josias deitou-se com roupa e tudo e esticou o trêmulo corpo em cima da quina da tábua, na beirada da cama. Depois entrou a senhora do seu Valadares com um rico “robe de chambre” e, despreocupadamente, deitou-se. O caipira enterrou o chapéu na cabeça, tapando os olhos, e não pôde conciliar o sono, não se mexendo de cima da tábua até amanhecer. Levantou-se apressado, sem olhar para trás, deixando mostrar um sulco fundo no corpo. Despediu-se do seu Valadares, quando este lhe disse:

— O nosso costume é este: tratar bem as visitas, tendo o máximo de confiança nelas. Vou arrumar umas coisas aqui e, logo mais, estarei em sua casa para retribuir-lhe a visita. Não é preciso arranjar muita coisa, não. Sou conformado com o que tiver e durmo muito bem sem cobertor, pois, se não tiver, não será preciso incomodar.

O pobre matuto distanciou-se, apressadamente.

O novo fazendeiro ouviu, poucas horas depois, o barulho dos cocões do carro de boi. Estendeu as vistas para os lados do rancho do Josias e pôde assistir à sua desembuchada mudança. Pegou as coisas por cima e deu o fora, louco de ciúmes da sua Dita.

E o sabido do Vicente mandou atçar fogo no rancho, para que o seu Josias, dando com a coisa, não pudesse mais voltar.

Vocabulário regional goiano

Cocões de carro de boi: lugar onde a mesa do carro é apoiada no eixo; são dois encaixes. Devido ao atrito, e quando o carro está pesado, produz um barulho que é chamado, pelos carreiros, de cantar do carro.

VITROLA MALCRIADA

Seu Hilário Bento da Silva era homem tido como rico na sua zona. Possuía um carro com 32 bois dos melhores, um sítio de doze alqueires com um casarão desertamente mobiliado. Os melhores móveis estavam na sala e constavam de três bancos grandes de pranchas de jatobá, em redor, e uma mesa velha de cedro. Seu Hilário era mesmo “rico”. O seu tio produzia alguma coisa para o gasto da família; mandioca para farinha, algodão para a patroa cardar, fiar e tecer as calças do marido, dos meninos, as cobertas e os sacos de uso. Arroz e feijão que mal aguentavam até a próxima colheita. Mas o fazendeiro não vivia disso; vinha baldeando alguma coisa em Currálinhos, carregando e descarregando nas fazendas, em Goiabeira, Trindade, Campininha, Aparecida, até chegar a Bela Vista, onde fazia a carga completa do seu carro barulhento. Quando chegava, sempre o seu carregamento de fumo estava pronto para ser transportado até Araguari, ponta da Estrada de Ferro Mogiana, em Minas Gerais.

O alvo da viagem era trazer o sal, o que sempre fazia, até Goiás, a velha capital, por um preço de 350 mil réis. O trajeto era de um mês, um mês e pouco no tempo da seca, até três no das águas. Serviço penoso, porém divertido e rendoso.

Eu digo que o seu Hilário era um homem “rico”, pois assim era tido no lugar que morava e por onde passava. Era o homem das novidades. Era ele quem trazia as notícias frescas e as peças da civilização.

Certa vez, em Araguari, o Dico, seu filho do meio, candeeiro da boiada, veio correndo, muito espantado, e disse ao pai:

— Pai, eu vi um trem que fala, acolá embaixo.

— Que haverá de sê, fio?

— Sei não, pai! O trem fala, canta e toca musga.

— Ora, só fartava isso! Tu é bobo, minino. Onde que já viu algum trem falá sem sê gente?!

— Ocê sabe, pai, o trem é quadradim cumo um trem de moê café. E tem uma boca de instrumento de musga, porriba.

Seu Hilário coçou a barbicha, deu uma boa puxada no cigarrão de palha, cuspiu por entre os dois dentes, e disse, pensativo:

— Isso num passa de sê os tár gramofone que já vi falá...

Passou a mão no filho e foram olhar o tal aparelho, que estava com um camelô, um judeu de olhos esbugalhados.

O velho ficou encantadíssimo. Ria a valer e seus lábios mexiam muito, querendo dizer alguma coisa que não saía. O mascate, rodeado de boas presas, punha um novo disco: “A Casa Edison do Rio de Janeiro apresenta Enrico Caruso, o maior tenor do mundo”...

Seu Hilário pensou logo no sucesso que faria, levando aquilo para o sertão: seria o maior sucesso conquistado até então. Tratou imediatamente de entrar em negócios com o homem. Este perguntou do que dispunha. Hilário respondeu-lhe.

— É,... eu teim fumo... teim dinheiro tomém... tudo depende do negoço.

O negociante armou-lhe um punhado de pegas, mas ele era caboclo acostumado a tramar com Raimundo e todo mundo, e acabou fazendo um bom negócio.

— Mais o sinhô num teim u’as chapa mió? Essas de miolo vermeio pra mim num serve, pois o tár apronta uma gritaria dos diabos. Quero u’as bem espivitada e que teim proveito dos dois lado.

O judeu pegou “Jorginho do sertão”, “Hino a João Pessoa” e mais outros discos que não eram gravados somente de um lado e entregou-lhe.

De volta, para Hilário parecia que os bois não andavam. Metia-lhes o ferrão por isto:

— Agora que tô cum pressa de chegá pra mode mostrá o trem que fala praquele povo, esses diabo num anda! Bamo, Dorado... bamo, Diamante... bamo, peste danada!...

Em todo pouso, em toda currutela, o gramofone era manivelado, espetado com uma agulha e quase ficava tonto de tanto girar. Em caminho, o velho carreiro cantava o Hino a João Pessoa, pois já o havia decorado. E quase viagem toda ele se fez acompanhar pelo gemidos dos cocões do carro: - “Lá do Norte um herói altaneiro, que da Pátria o amor conquistou: João Pessoa, bravo filho da Paraíba...”

Chegou, afinal, ao lar. Anunciou por onde se fez ouvir que uma surpresa enorme esperava todo mundo que fosse à sua casa, aquele dia. Gente, menino e cachorros encheram a sala do seu Hilário. No centro, em cima da mesa grosseira, lá estava a maravilha. Todo mundo passou-lhe a mão. Todos queriam ver e sentir, com o tato, o grande engenho. Seu Hilário pediu silêncio e fez uma delongada explicação sobre o aparelho. Colocou o disco de João Pessoa no prato, pediu que ninguém abrisse a boca, para evitar suspeitas, pois a cantiga que iriam ouvir era do próprio aparelho.

Acontece que o diafragma havia caído em cima do disco e a agulha furou-o, sem o quebrar. O dono da casa, numa grande pose, vomitando atos de importância, deu corda; colocou a agulha, soltou o breque, abriu a válvula da campana e colocou o diafragma sobre o disco. Todos se espantaram. Alguém até espirrou-se de fora. Uma velha gritou:

— É o diabo que está lá dentro!...

Seu Hilário levantou o diafragma e censurou:

— Deixum de sê ingnorante, persoá! Isso é trem comum lá em Minas, gente! Ora, pois, tá bão, o que nós somos menos que minero? Arrepare que vô sortá o trem outra vez.

E, novamente, o gramofone cuspiu o horror para os ouvintes: -”Lá do Norte um herói altaneiro, que da Pátria o amor conquistou. João Pessoa, João Pessoa, bravo filho da... filho da... filho da...”

O velho Hilário levantou logo o diafragma e disse num abatimento profundo, voz muito camarada e sem graça:

— Acho bom as muié mais as crianças se arretirá, porque acho que esse trem tá querendo sortá um nome fêio, mais tá dano prazo pra vancêis...

Vocabulário regional goiano

Curralinho: nome anterior da cidade de Itaberáí.

Goiabeira: nome anterior da cidade de Inhumas.

Campininha: bairro de Goiânia (Campinas).

Bela Vista: antigo nome de Suçuapara, agora, Bela Vista de Goiás.

Acolá: dificilmente se ouve dizer “ali tem isto, ou ali se encontra aqui-lo”; o comum é: “acolá tem, acolá se encontra, eu vi isso acolá”.

Chapa do miolo vermeio: disco de vitrola do selo vermelho.

Esprivitado: pronúncia bem clara.

Corrutela: vila, pequeno povoado, arraial, aldeia, patrimônio.

O LIQUIDANTE

Aqui, quem fala é o Justino, o “Liquidante”. A minha fama de liquidante foi muito grande e difícil de mantê-la. Certa vez, fui incumbido de fazer um recebimento, lá pras bandas do Fundão. Sabia, pois já havia visto falar que o povo daqueles lados não é flor de cheirar e sabia, também, que tinha muita gente com vontade de me dar um tombo de sela. As ordens que eu levava eram sempre de trazer dinheiro ou orelha; teve uma época em que a coisa andou difícil: negócios muito ruins e, então, trazia mais orelha que dinheiro mesmo.

E foi nesse tempo que eu fui pro Fundão; recebi, uns dias antes, um recado que, na primeira vez que eu pisasse lá, seria enterrado. Cheguei a ficar com medo e quase desisti da empreitada, mas não teve jeito. Sapequei a besta na estrada e fui matutando: será de que jeito esse tal de Luiz Dantas? Será mineiro, paulista ou mesmo goiano? Se fosse qualquer uma dessas raças, não estava tão ruim, pois eu conheço da manha desse povo todo e topo com eles de qualquer jeito. Mas... se o danado fosse nortista? Nunca vi um bicho desses brigando! Diz que os danados temperam o pião com os pés e guardam a faca na barriga da gente como se fosse bainha. E o pior é que são tão ligeiros que não dão tempo do outro fazer a 44 funcionar. O diabo, o danado vai ser é mesmo nortista. Bem podia ser mineiro: queria passar-lhe a bala quando ele viesse com o porrete. Com paulista a coisa seria mais fácil ainda, pois esse povo confia muito nos braços, e eu deitava

ele logo com a minha “papo amarelo”. Se o danado fosse mesmo nascido por aqui, também não tinha perigo, porque não tem goiano mais rápido no tiro do que eu.

A besta ia marchando, ganhando terreno pras bandas do Fundão. Eta, diabo, nunca matutei tanto! Que vontade danada desse homem não ser do Norte! De vez em quando, eu parava a mula, apeava e treinava uns tiros nos paus e aparava galhas de árvores no facão, porque mineiro gosta muito de vir de facão na gente.

Lá, bem adiante, desci num regato pra beber e dar de beber também pra mula; cruzou comigo, aí, um cavaleiro pelo qual soube que o Luiz Dantas era baiano. Meu Divino Padre Eterno!... aí foi que danou tudo. Custei até pra subir no arreio: as pernas não ajudavam. O diabo do Fundão estava ali mesmo e eu não sabia brigar com essa laia de gente. Quando melhorei, desci e dei uma porção de capoeiras nas moitas. Ajeitei bem o 38 na cintura e passei sebo nele pra desen-capar rápido; amarrei o punhal na ponta do cano da carabina e coloquei ela bem fácil na cabeça do arreio. Agora que levasse os diabos; tudo estava preparado; só rezar que não rezei, mas juro que senti até vontade de rezar; só não fiz porque nunca acreditei nesses trens e nunca também gostei de hipocrisia; não estava achando muito bom ser covarde, mas isso estava comigo sozinho e, a não ser agora que estou contando, nunca ninguém soube.

O pior era que eu tinha a danada da fama. Quem me contratava sabia ou que o homem pagava ou que ele nunca mais dava o tombo em ninguém. Cheguei a ter coragem de fugir e dar mesmo o fora, mas pensei logo que iam reinar, que eu recebi o dinheiro e sumi com ele; o que me segurou foi o fato de eu sempre ter tido nojo de ladrão. Matar no serviço, na profissão, caboclo safado, está certo e até acho que isso não tem nada de mais. Mas roubar!... Deus me livre, isso nunca. Muitas vezes o devedor veio com o dinheiro pra me dar e depois resolveu a ficar com ele ou, com desconfiança de mim, ou por medo de soltar as notas: passei a pólvora em muitos deles e deixei o dinheiro espalhado no chão; aí só interessava levar a orelha, pois o patrão mandava trazer ou o dinheiro ou a orelha; já que tinha

a orelha não precisava de dinheiro: deixava ele pra família enterrar o cujo e arrumar a vida. Eu recebia o meu sem precisar roubar. Sempre gostei de ganhar o dinheiro honradamente...

Fui indo, matutando esses trens tudo quando, sem esperar, dei com a currutela; sabia da casa do homem, por informação. A danada parecia realçar no meio das outras todas; parecia mais branca, mais alta, como uma torre de igreja imperando no lugar. No varal umas tiras de carne seca e um menino enferrujado vigiando os urubus. Eu preferia que aquela carne fosse queijo ou rolo de fumo ou mesmo esparramado: o homem era mesmo nortista e da melhor raça: baiano. Cobri bem a porta da sala.

De cima da sela, pude ver o chapéu de couro no prego e um par de alpercatas debaixo dum banco. Esses trens pra mim era o mesmo que a cruz pro diabo. Engoli seco, deixei passar o arrepio de frio que me deu no lombo e, depois, desmontei. Bati palmas, nada. Saudei pelo “ô de casa”. Entrei. Enquanto não aparecia ninguém, encostei bem a mula na porta de modo a deixar fácil a carabina. Cobri o revólver, ligeiramente, com o paletó. Daí a pouco apareceu a mulher; perguntei per Sr. Luiz Dantas. Respondeu dizendo que não estava, mas poderia mandar chamá-lo. Respondi que sim.

O chapéu em cima, no prego, e as alpercatas, embaixo do banco, formavam-me o homem, completamente: eu o via com o chapéu na cabeça e as alpercatas nos pés; apresentava-me com feições até do cão. Enquanto estava sonhando com aquele fantasma, até que tudo ia bem. Depois acordei pensando que o danado poderia vir por trás e me fazer uma tocaia; parece que eu via ponta de faca por todos os lados. Cheguei a ficar tocando de roda, com cisma de expor as costas. Ouvi, depois, um tropel firme de homem que vinha dos fundos da casa. Não restava dúvida alguma – era ele! O cujo apareceu cobrindo toda a porta da sala; era um toro de baiano. Vi nele um bom alvo para o meu 38; mas... será que teria tempo de puxar o revólver? O que seria de mim se ele me pusesse as mãos? Pensei em sacar o trinta e tocar fogo logo, de uma vez, evitando qualquer conversa, levando a orelha do bruto; pra que conversa? E

se ele me pusesse as mãos e me guardasse a faca? Não pensei muito mais e nem tomei uma decisão funesta.

— O senhor me procura?

— Por acaso é o senhor o seu Luiz Dantas?

— Sim, ele mesmo, em pessoa, seu criado

— Eu trouxe uma conta do Abrão turco...

— Aquele cabra não precisava si encomodá co'a gente, não; é já, nesta hora, eu vô dá bem o que tô deveno pr'ele.

Fiquei prevenido, esperando ele voltar; não saí do lugar, porque os meus ouvidos estavam acompanhando o seu pisado. Não há de ver que o danado chegou com um punhado de notas de quinhentos mil réis, daquelas bem grandes e me falou:

— Tu faz o favor de contar, porque não há de vê que este dinheiro está guardado e contado há muito tempo? Diga ao seu Abrão que num pude sair lá devido um mundão de serviço; faça também o favor de dizer que o dinheiro tudinho que fiz foi esse danado. Num achei um cabra da peste que me ajudasse na limpa do roçado.

— Quá! Está muito bom; se todos os fregueses fossem iguais ao senhor...

— A gente fica avexado quando deve, mas sempre, graças ao Senhor do Bonfim, se dá um jeito de pagar.

— Então, a conversa está boa, mas... eu tenho mesmo que ir embora, pois... desejo entregar este dinheiro, ainda hoje, ao seu Abrão.

— Tu vai mesmo que é perciso, mas sem armoçar com a gente tu não vai.

Dali mesmo, olhando pela janela, vi a mulher correr a faca num pedaço de carne e logo escutei o barulho da panela e um cheiro que encheu a casa. Comi, que fartei. Enquanto almoçávamos, o pilão no terreiro socava a carne seca com farinha de mandioca e rapadura. Despedi novamente. Montei procurando encobrir a carabina, principalmente a ponta do cano que tinha o punhal atado.

Parti com vergonha e humilhado. Eta, profissão danada! Chamei a tala na besta e calquei-lhe as esporas nas virilhas, ganhando

estrada para recuperar o tempo perdido e resolvido a mudar de vida, como, de fato, mudei.

Vocabulário regional goiano

Liquidante: *pessoa encarregada de receber contas, pelo sertão. Em geral os liquidantes são homens destemidos, valentões, trazendo dinheiro, ou na falta deste, animais, mantimentos, ou ainda, em muitos casos, a orelha do devedor.*

44: *carabina. Arma de repetição de 8 tiros, proibida, atualmente, e amiga inseparável dos antigos. Arma preferida nas tocaias.*

Mantimento: *cereais.*

Nortista: *maneira como os goianos chamavam os nordestinos, especialmente os baianos.*

Tocaia: *traição. Lugar onde o “empreiteiro” espera a sua vítima.*

Empreiteiro: *em linguagem de cangaceiros, empreiteiro é aquele contratado para tirar a vida de alguém.*

O ENGENHEIRO DESCALÇO

O Rio das Almas divide as cidades de Ceres e Rialma, na Colônia Agrícola Federal, agora emancipada. Uma bonita ponte, com arcos de cimento, une os barrancos daquele centro imigrante. Os sítios são, ali, divididos em pequenas glebas de até seis alqueires para cada agricultor. Não existe latifúndio. Ninguém possui mais do que pode cultivar. Por isso, a Colônia Agrícola é o maior celeiro do estado. A terra é massapé, como da melhor do estado de São Paulo. O panorama das duas cidades, visto de cima dos morros, deslumbra qualquer sisudo. O rio, meandrado pelos montes, é separado como uma serpente de prata pela suntuosa ponte. Tudo é majestade.

O Dr. Bernardo Sayão, dinâmico diretor, foi quem impulsionou, com grande arrojo e sacrifícios incomensuráveis. Verbas racionadas, gente do contra e mais obstáculos, que se encontram sempre quando realizamos qualquer empreendimento.

Máquinas e mais máquinas, para rasgar a terra, foram requisitadas. Centenas delas atravessaram a ponte do Rio das Almas.

Em cima de caminhões-carretos vinham, certa vez, doze “Tournapull”, uns monstrenços de tratores, com enormes pneus. Os International KBR-11 aproximavam-se. Chegaram a Rialma e atravessaram a cidade, festivamente. Quando a primeira carreta embicou na ponte, foi aquele grito geral de “Para... para... parado!”. O trator pegava no arco, em cima.

Foi um quebra-cabeça dos diabos. Ideias e mais ideias surgiam por parte dos motoristas e curiosos, porém nada que se aproveitasse. Era preciso esperar o engenheiro. Chico Preto, chefe da frota, depois de muito matutar, resolveu esperar. Um dos motoristas advertiu-o:

— Acho bem melhor fazer balsa...

— A ideia é boa, mas acho que devemos estudá um processo certo, porque o diretor não vai perdoá qualquer erro que eu fizé, tomano uma iniciativa dessa... neca,disso.

Pra mostrar que desejava fazer alguma coisa, subiu em cima da máquina e mediu a diferença:

— Vinte e sete centímetros. Com trinta dava pra passá.

Nada, por enquanto, ficou resolvido. O chefe estava encabulado, pois o Dr. Sayão poderia dar uma simples solução e a sua reputação cairia.

Não sabia se devia esperar ou construir a balsa. Fazer a tal balsa seria uma coisa espetacular, pois para comportar um caminhão de alta tonelagem e, ainda com um trator em cima, precisava mesmo ser um absurdo de grande. As margens também não ajudavam: barrancos muito altos.

— E se nós descarregasse os tratô? – interpelou um deles.

— Coisa impossível. As máquina num tão funcionando e as roda tão travada.

O engenheiro chegaria, no outro dia, à tarde. Todos sabiam que Bernardo Sayão fazia mais rápido com seu automóvel que o teco-teco do serviço, mas somente poderia chegar no outro dia. O remédio era mesmo esperar. Não havia nada apropriado para descarregamento e montagem daqueles gigantes de ferro e borracha. Todos estavam de acordo, pois a viagem foi bastante árdua e estavam bem cansados. Que a responsabilidade ficasse nas costas do “dono”. Ajuntaram as coisas e foram procurar hospedagem, problema até difícil, dado o número de gente de fora que chegava, sem cessar.

Chico, o chefe da caravana, um negão de blusão de couro, ficou por ali, sentado, matutando sempre:

“Descarregar os tratores ou fazer a balsa”?... Qual! Aquele problema pertencia à autoridade competente.

Daí a pouco, descendo o último morrinho para as margens do rio, do lado de Ceres, aproxima-se um humilde roceiro, com uma vara de galinhas atravessada nos ombros e duas capangas de ovos e queijos frescos, dependuradas. A calça arregaçada mais de uma perna que da outra, para não estorvar andar na macega, e os pés cascudos e dedos esparramados pelo desuso das botinas.

Ficou um tempão rodeando os caminhões, boca sempre aberta, com aquele peso danado, sem se importar em arreá-lo. Admirou os colossos, pegando em todas as partes. Depois, olhando para o preto, meteu-lhe uma perguntazinha:

— É do sinhô, esses trenzão?

— É da D. União. Qué comprá?

— Não, sinhô...

— Então, pinica.

— Eu tô quereno vendê esses trem...

— Vai andando, que tô ocupado.

— Dô tudo pu duzentos mil réis...

— Já falei que tô ocupado!

— Sim, sinhô. – E pensou: – Tá ocupado nada; o miserave tá sentado bem aí, só pitano...

Passado mais um pouco, apelou:

— O sinhô fica còs trem... leva aí no caminhão...

— Caminhão?! Quando esse caminhão saí daqui esses bicho já morrerá de fome.

— Ué! Essas máquina num vão ficá na barranca?

— Vão, sim senhor. Qué fazê o favor di num enchê?

— Mais, ocêis já tão chegano!...

— Olha aqui, sápo, ocê qué me fazê o favor di me dizê cumé quèssas máquina vão cabê na ponte? Se a gente deve serrá elas ô quebrá os arco de cimento?

O matuto desceu a trenheira e deu uma examinada geral, com muito tino. Subiu na carroceria e mediu, com o palmo, a espessura do pneu do trator; depois o veridicto:

— Si o sinhô num tá quereno comprá os meu trem porque num podi passa na ponte, pur que que num disvasia os pneu do tratô?

Chico Preto estava sentado numa pedra, cabisbaixo, virou a cabeça para o engenheiro descalço, os olhos quase fechados, num tom de não querer acordar alguém muito querido que está dormindo e, ato contínuo, levantou-se, de um salto, afobado:

— Duzentos mil réis?! Toma! – Tirando um punhado de notas amarrotadas do bolso e tremendo, exclamou: – Dêxa isso aí e some! Sôme logo, sinó arrependo.

O pobre homem saiu, esbaforido. Chico Preto gritou para a turma:

— Vamo trabaiá, negrada! Lugá de boi é no carro!... Andum dispressa qui já resorvi o negócio.

Pegou a vara de galinhas, os embornais, e foi pondo no caminhão.

— Arresorveu di qui jeito, chefe?

— Tira logo o ar e a água dos peneu dos tratô! Andum digêro!...

O primeiro caminhão passou, livremente. Foi aquela farra. Vivas e mais vivas ao Chico Preto.

Quando perguntaram-lhe onde arranjou aquela galinhada, respondeu, com beíço de desprezo:

— Comprei na ponte, pra me livrá dum besta qui apareceu lá, me enchendo.

Vocabulário regional goiano

Vara de galinha: vara, como se sabe, é de porcos, mas os roceiros usam para trazer frangos à cidade, amarrados pelos pés e dependurados numa vara de mato, que eles transportam no ombro, chamado de manguara.

UM SACERDOTE NO SERTÃO

Verdadeiros heróis são os padres Redentoristas, aqui, de Goiás. A falta de recursos para as missões, o povo incompreensível, o atraso, a ignorância, a escassez de transportes, fazem com que a penetração pelo sertão se torne quase impossível. Todavia, mesmo assim, eles vão. Afundam por essa enormidade de terras bravias, levando a doutrina de Cristo: batizam, crismam, casam e arrumam vidas enquiçadas.

O padre Caio Toledo, filho de uma tradicional família de São Paulo, é amigo íntimo meu. Quando estive aqui servindo na ordem Redentorista, fiz, com ele, várias excursões por esses fundos aí, do estado. Agora mudou de ordem e serve na capital paulista.

Quando chegávamos a um povoado, a nossa recepção não alterava em nada a vida do lugar: padre e nada era o mesmo que ter chegado. Até ajeitar e controlar tudo, um sacrifício medonho. Era obrigado a fazer casamentos à força, ao que se opunha e convencia, pela sua eloquência no falar ou, em muitos casos, como último recurso, a ameaça do 38, que trazia sempre por debaixo da batina. Quando a ignorância é demais, nada como igualá-la. Centenas de noivos, uns com crianças nos braços, outras em estado adiantado de gestação, alguns já morando juntos há vários anos, apresentavam-se para receber a santa união. O padre protestava, porém era convencido por algum mais traquejado na maneira de tratar com gente: “Nós junta de boa-fé, seu padre. Vancê demora munto pra modi chegá por cá. Nóis se junta e mora junto pro cunfiaça, seu padre... inté vancê chegá”.

Nestas circunstâncias, o melhor era concordar.

Uma vez, em Santo Antônio, perto de Firminópolis, um protestante, que possuía uma venda no lugar, organizou uma festa católica, a fim de fazer movimento no seu estabelecimento. Eu e o Pe. Toledo andamos a noite toda em dois burros lerdos, trotões, que era quase impossível parar em cima das selas. Os danados não andavam nem por meio de reza. Lá íamos nós, naquela paciência, doidos para chegar, quando uma pintada miou no pé da serra. Os animais murcharam as orelhas e soltaram-se, à toda, pelos “trieiros”. Difícil foi o equilíbrio nos arreios. Chegamos pela manhã. Arrumamos a igreja para a missa. Bati até enjoar numa campana de automóvel, chamando os fiéis para a capela. Não vinha uma só alma, soubemos que os roceiros estavam praticando tiro ao alvo, debaixo dum jatobazeiro. O Pe. Toledo, incontinentemente, se dirigiu para lá. Sacou do 38 e foi derrubando todos os alvos. Depois, acenando com o revólver, num gesto de “vamos”, carregou com todo mundo para a igreja.

O povo encheu o recinto e ficou outro tanto para fora. Seguiram-se os batismos e os casamentos, estes, os mais enguiçados e engraçados possíveis. Pe. Toledo arrumava tudo. Em poucas horas, já era o ídolo do lugar. À tarde, antes da procissão, ele atuou uma partida de futebol, enquanto eu defendi o time local, no gol. Com 10 minutos de jogo, a coisa enguiçou. Nunca ouvi tantos disparos de armas de fogo. O cano do revólver do padre estava até vermelho. O tiroteio espantou os fiéis da procissão. Fui para a campana de automóvel e meti os ferros. Ninguém chegava. O povo estava todo reunido na venda do protestante. Este estava batizando pela metade do preço nosso, pois disse saber as mesmas rezas do padre e era o quanto bastava. Afirmava, ainda, que a sua profissão não era aquela, e, por isso, podia fazer concorrência à igreja Católica. Pe. Toledo, aí, fez o sermão mais bonito que já ouvi. Foi preciso o soldado do destacamento intervir para o povo não linchar o protestante. Nada demorou e uma linda procissão meandrava todo o arraial.

Outra bonita briga foi quando o padre apresentou a conta ao festeiro, o negociante protestante. A festa deveria obedecer a

uma determinada tabela, mas como se tratava de abuso, a conta foi toda especial.

Quando nos preparávamos para o regresso, notamos a capela cheia. Um senhor acercou-se de nós e disse que havia mais dois casamentos, que se atrasaram devido à enorme distância de que procediam. Imediatamente ele vestiu os paramentos e subiu ao altar. A escrita ficava sempre para depois e era comigo. Os dois pares eram bem interessantes: um rapaz negro com uma moça branca e uma moça negra com um rapaz branco. Pe. Toledo cruzou os braços e ficou pensativo, muito admirado. Depois perguntou:

— Isto aí está certo, deste jeito?

— Está sim senhor, seu padre...

— Não, não está – replicou ele – isto não pode ser: vai haver muita incompatibilidade e incompreensão. O certo é negro com negro e branco com branco. Desceu do altar, desagarrrou os nubentes e fez a troca. Em seguida os casou, sem que ninguém protestasse. Acharam até muito lógica a teoria do padre.

Depois de muito tempo, soube, por um da região, que ambos os casais vivem muito bem. Pe. Toledo andava encabulado devido a essa atitude, temendo ter cometido um desastre, até que um dia eu o visitei e dei-lhe a notícia. Nunca o vi tão contente, depois disso.

Vocabulário regional goiano

38: nome sucinto para o revólver de calibre 38, muito usado no interior, desde pouco tempo, pois antes imperava o 44 cavalarias, hoje, terminantemente proibido pelo exército.

Pintada: onça canguçu.

Trieiro: caminho estreito, quase sempre feito pelo gado a caminho das aguadas.

Campana de automóvel: sino improvisado nas capelas sem recursos e nas fazendas para chamar os trabalhadores às refeições.

Vidas enguiçadas: casal amigado, amasiado.

Jatobazeiro: jatobá. *Árvore de grande porte, que dá uma vagem escura, casca muito dura e uma polpa farinhosa, gostosa e que entope a garganta e prega a massa no céu da boca e dentes. É a árvore popular de Goiás. 98% das toras nas serrarias são de jatobá; a madeira serve bem para o madeiramento de casas, porém, exposta ao sol, empena muito. Aqui mesmo, a maior parte das portas das casas de Goiânia foi feita desta madeira. Apodrece facilmente, exposta à umidade. A tábuas, depois de plainada, possui linhas maravilhosas, de cores negras, avermelhadas, com amarelo e branco, quando aproveitado o chamado branco de jatobá que reveste o cerne. O tronco fornece um vinho, ao ser broqueado, muito áspero e tânico, apreciado pelos derrubadores. Dá uma média de duas quartas por árvore. As cascas da fruta dão, depois de fervidas, por longo tempo, um xarope muito recomendado para tosse. A lenha não é boa, mas é usada: produz muito carvão e fumaça. Nos fornos reversíveis, de indústria, queima muito bem.*

Quarta: medida de 20 litros.

SOBRINHO DO FULGÊNCIO

Isto foi no tempo de Ribeirão antigo, hoje Guapó, completamente diferente, bem mais desenvolvido que à época desta história. A vila de Ribeirão era um comércio pacato e pouco desenvolvido. Uma igreja velha, muito velha, e tão chata que parecia querer abraçar o chão, tinha, ao lado, o velho e enferrujado sino doado pelo fundador do lugarejo, bem antes da chegada dos primeiros baianos. Era colocado em dois moirões de aroeira, centenários. Um coreto desenhado como o mastro de Santo Antônio, que lhe fazia parrelha. Um montão de cinzas, que fazia lembrar a última fogueira, e umas cabras berradas e muito magras, pastando. Além de capim e vassourinhas, isso era tudo o que se via no largo. As casas pareciam crianças de mãos dadas, brincando de roda, pois, além das do largo, somente havia os quintais, cujas fruteiras carregavam e fartavam os moradores. Ali ninguém dava uma fruta: era só no cobre!

O vigário vinha uma vez por mês e celebrava missa, fazia casamentos, batizados, e benzia pessoas vivas e mortas e comia o melhor almoço da vila. Quando chegava a época da festa, vinha também um delegado especial e ficava na casa do festeiro, junto com o padre. A cadeia era improvisada na sacristia. Tudo corria muito bem e o delegado e o padre eram sempre os mais cotados nas festas.

O seu Fulgêncio era o único que tinha uma casa sem quintal plantado. Morador um pouco novo do lugar e, além disso, dizia não ter mão bem boa pra plantar. O seu quintal era tão limpo que nem bananeiras tinha. Por isso possuía “casinha”, a única de Ribeirão.

Num certo dia, recebeu um sobrinho da cidade, o Joaquinho. Este rapaz era tão desajeitado, que não pôde ficar mais na companhia de seus parentes, os que o criaram. Era um tipo que daria muito bem ali. Mandaram-no para o tio Fulgêncio dar um jeito, pois o tal não trabalhava, bulia no alheio, era por demais arteiro e muito porco. Sim, o tio Fulgêncio daria um jeito. Quando chegou, empoleirado no carro de boi, de roupa, chapéu e botinas novas, todos vieram vê-lo. Joaquinho fez-se de importante, olhando-os e ao panorama, com beijo de desprezo. Daí a pouco já estava bem ambientado. Com o dinheiro que lhe deram em casa, comprou frutas e fartou-se. Nos dias seguintes, já exigiu dinheiro do tio, o que foi negado. Como era seu costume, tentou furtar, mas foi escorraçado em todas as tentativas. Por fim, desistiu.

Em companhia dos tios Fulgêncio e Miquelina, cada noite visitava um vizinho. O molecote, colocado a um canto, prestava atenção nas conversas dos outros. Dormia logo depois, pois sabia que o assunto era sempre o mesmo: assombrações, feitiços, etc... Diziam que o lugar não prosperava devido a praga de padre. O diabo vinha atentar as cabras à meia-noite no coreto do leilão e que o padre batia o sino e, ainda, o saci-pererê ficava pulando no terreiro de todo mundo. Joaquinho não acreditava em nada disso e dormia logo. Os outros contavam e arregalavam os olhos; eriçavam os cabelos e ninguém saía da sala sem ser acompanhado. Joaquinho já estava bem adaptado no lugar, mas comia poucas frutas, tal a sovynice dos ribeirenses.

Certa noite, a monotonia da vila foi quebrada com berros incessantes de cabras e badalar de sino. Todo o povo acordou, mas ninguém ousou se levantar. Não restava a menor dúvida: era um desafio entre o diabo e o padre. Quanto mais as cabras berravam, mais o sino batia. Uns agarravam os rosário, outros, os crucifixos, e todos rezavam. As crianças cobriam a cabeça e choravam de medo. Foi uma noite de pânico.

Sim, o medo tomara conta do arraial. Reinava um verdadeiro pavor em seus habitantes. E o duelo prosseguia enfiado: cada berro de cabra e batido de sino cortava os corações daquela gente

angustiada. O barulho foi pela noite adentro. Pela manhã, o sol bem alto, ainda ninguém tinha aberto uma porta ou janela. Seu Fulgêncio olhou na sala e somente viu o saco onde dormia o Joaquinho.

— Uai! Cadê o Joaquin, Miquelina?!...

— Sei, não!...

— Será que o “coisa ruim” levô ele?

— Deus mi livri do “coisa ruim” tê vindo aqui!... benza Deus...

Podia ser sete e meia, quando alguém resolveu sair e deu com ele curtindo uma terrível indigestão num dos quintais: comera tantas frutas e fizera tantas misturadas que quase morria, agora.

— Quê c'ocê tá fazeno aí, trem?! Num viu o diabo atentá na porta da igreja, não?!

— Vi mermo – respondeu o rapazinho, quase atolado nas cascas.

— Cumé c'ocê entrô aqui?

— Foi um trem metade gente, metade bicho que me infiô aqui e me socô isso tudo pra boca abaxo, até quase matá...

— Curuiz!... Credo!... Ave Maria!...

Foi um estouro esta narrativa. Alguém, que restava em dúvida sobre o ocorrido, acreditou, agora, na luta demoníaca. Já se planejavam mudanças, quando deram com a coisa: tudo isto aconteceu porque o Joaquinho, doido para comer frutas, e não conseguindo, por outros meios, aproveitou dos supersticiosos e, roubando uma corda do tio Fulgêncio, amarrou com ela uma das cabras pelo rabo e a outra extremidade no badalo do velho sino enferrujado...

Vocabulário regional goiano

Casinha: privada no fundo do quintal, onde se fazem as necessidades fisiológicas.

HISTÓRIA DO DOUTOR NECO

O fazendeiro Maurício vendia leite na cidade e mantinha um filho estudando no Rio de Janeiro. Não poupava esforços para conservá-lo lá. Na cabeça do arreo do Brioso, trazia dois latõezinhos de cinco litros cada, para dois fregueses certos. A mula que puxava vinha com mais dois latões de quarenta litros cada um, leite este vendido a retalho.

O seu filho, Neco, por mais algum tempo tornar-se-ia um doutor em Medicina. Só o tanto de conhecidos que havia prometido tratar com ele, na sua terra, dava para enriquecê-lo. Era uma vantagem muito grande sobre os colegas. Somente não cobraria nada do Faustino, se caso este viesse a necessitar dos seus serviços. Faustino era um seu colega de infância, a quem ele dedicava grande afeição. Maurício fazia os cálculos e se esbaldava no serviço para formar o seu Neco.

O jovem estudante nutria uma saudade louca de rever os pais e amigos, o mesmo acontecendo com eles, mas uma viagem até Goiás era por demais dispendiosa e tomaria todo o tempo das férias em ida e volta. O tempo corria e Neco sofria muito durante as aulas de anatomia, pois nada conseguia tirar-lhe o terrível medo de defuntos. À noite não saía sozinho, temendo o cadáver retalhado durante o dia. Iria ser um bom médico, pois aproveitava bem as aulas e tudo lhe entrava facilmente na cachola. Já havia resolvido, também, atender somente durante o dia: à noite, nunca!... fosse quem fosse e poderia até morrer.

Para a formatura, o Sr. Maurício “cortou um doze” danado para dar conta do recado. Fim de ano e época das águas, o leite aumenta muito, caindo, conseqüentemente, de preço. Foi um tal de fazer queijos e requeijões baianos (de cor morena) com as sobras, que só vendendo. Finalmente, tudo deu certo, pois o Dr. Neco já estava regressando com o seu canudo. Chegou até Araguari, embarcando, ponta da linha Mogiana, e integrou-se num carro de boi que ali estava para levar sal. Costurou um pedaço de couro cru de boi, fazendo um canudo onde guardou o diploma, livre de molhar. Em caso contrário, não poderia clinicar porque ninguém iria se consultar com um médico que não tivesse o seu diploma espichado na parede.

A viagem foi árdua, mas, afinal, chegou à sua cidade. Pensava esperar pelo pai no dia seguinte, ocasião em que viria trazer o leite. Hospedou-se em casa de um tio e soube, por este, que o seu velho não mais estava trazendo leite, pois disse ter cumprido a sua missão, a de formar o filho. O tio lhe ofereceu um animal para ir para casa, o que ele aceitou e combinou a viagem para o dia seguinte, bem cedo.

À tarde, desceu para visitar todos os lugares que desejava, não notando diferença em nada. Os conhecidos fizeram-lhe roda e a palestra prolongou-se pela noite adentro. Uns perguntavam-lhe as novidades de lá, de-baixo; outros, os costumes; alguns desejavam saber sobre os estrangeiros; outros, ainda, indagavam o que era bom para isto e para aquilo. Assim o Dr. Neco começou já a clinicar: clínica ambulante, sem render nada. Em todo caso, era a sua propaganda.

Quando resolveu ir para casa, um calafrio cortou-lhe a espinha: é que lhe veio a terrível lembrança daquele pedaço escuro, antes de chegar. Assim mesmo saiu, mas a coragem faltou-lhe para entrar naquele trecho: uma fita de cinema lhe passou pela mente, cujos personagens eram os cadáveres retalhados na Faculdade da Praia Vermelha. Se lhe aparecesse uma onça ou um boi bravo, ele nem pestanejaria em atracar-se com eles, porém... alma do outro mundo, não! Assim, ali ficou à espera dum conhecido ou mesmo de qualquer outra pessoa que pudesse acompanhar. Nada demorou e eis que surge o Faustino.

— Deus seja louvado! Você aqui, Faustino?!

— Como vai, meu amigo? Parece ter se esquecido de nós?

— Os estudos, a distância, homem de Deus!... mas nunca me esqueci de ninguém.

— Muito bem, o que interessa é ter voltado, é estar aqui.

— E vim para ficar!...

— Isto!

E, com esta e mais conversa, o pedaço escuro foi transposto. Em frente à casa do tio, o Faustino despediu-se, pedindo um favor ao amigo:

— Você, como vai amanhã cedo e passa pela minha casa, quero que dê um recado lá.

— Ó, como não?! E com muito prazer...

— Diz que tudo vai bem e que continuem a rezar.

— Nada mais?

— Nada mais.

— Pois não.

No outro dia, o doutor montou a cavalo e lá foi parafusando a surpresa; deveria chegar no jeito, pois sua mãe não era bem sadia e não desejava ocupar-se, imediatamente, com ela, por uma situação que ele mesmo criasse. Ia, assim pensando, quando viu que já estava passando a casa dos pais de Faustino. Acercou-se dela e deu com a família toda reunida, com os semblantes abatidos. Mesmo assim, receberam-no com satisfação, porque a sua volta era aguardada com grande ansiedade, por todos. Antes de saber a razão daquele acabrunhamento deu o recado. Suas palavras causaram admiração.

— Ocê topô cò Fostino nosso?

— Como não? Deu notícias de todos daqui.

A pobre da mãe desatou num choro sentido e o velho pai, consolando-a, explicou ao Dr. Neco:

— O nosso Fostino morreu, meu fio... Amanhã nós vai assisti à sua missa de sétimo dia...

Houve uma benigna reação transformadora na vida do jovem médico. Daí por diante, não mais teve medo de nada. Saía, alta noite, a cavalo, e ia, sozinho, pelas fazendas, atender seus clientes.

Antigamente era assim: amigo era amigo mesmo depois de morto.

Vocabulário regional goiano

Cortou um doze: passou apertado.

O CIRCO

Quem não conheceu o Circo Irmãos Prata, por todo este chão goiano, apresentando o Globo da Morte, o palhaço Pão Duro e o “Conde Monte Cristo”, com seu grande elenco? Quanta gente vendeu utensílios, até panelas, para assistir a seus espetáculos! E quantas, quantas chicotadas nos cardematórios dos meninos ao “vararem” sob o pano, sem pagar entradas? Até a pipoca na porta do Circo Prata era mais gostosa...

Certa vez, em Campinas (a de Goiás), apareceu um maltrapilho, meio embriagado, dizendo-se pintor. A gente circense é sempre solidária com os necessitados e foi bem acolhido pela companhia. O homem queria comer. Comeu. Disse não tencionar pesar aos demais e pediu serviço, por exemplo, pintar um cenário. Levaram sua proposta ao proprietário.

— Deixa ele pintar o cenário do Arlequim, seu Prata.

— Ora, deixem de bobagem. Até hoje ninguém conseguiu decorar esse fundo de cena. O amigo poderá pintar o mar para “a filha das ondas”.

— Isso, não! – protestou o artista. – Faço questão de fazer a tela do Arlequim. Vocês pensam que não dou conta? Estão enganados, verão. Estou no meu estado normal.

O empresário olhou-o de alto a baixo.

— Absolutamente, Afonso (era esse o nome do artista), sei que os grandes pintores sempre matam o bicho, mesmo...

— Mas eu não estou bêbado, gente. Confiem em mim!

Finalmente, Afonso obteve ordem para executar a tela. Trouxeram-lhe o pano necessário e o esticaram no picadeiro, no chão. A tinta do fundo foi preparada num balde e o pintor atirou-a como se estivesse enxaguando um cômodo, de um lado para o outro. Com uma vassoura, esparramou a tinta por toda a superfície do pano estendido. Em volta do excêntrico artista, estava a turma do circo, não escondendo a curiosidade. A opinião geral é que aquilo não ia dar em nada, havendo até quem sorrisse com piedade.

Quando a tinta foi atirada com tanta displicência, todos os olhares convergiram para seu Prata. Este deu de ombros. Na hora da vassoura, ninguém se conteve: nem o Pão Duro a manejaria com gestos mais engraçados.

A tela agora estava seca. O pintor, indiferente aos sussurros, tomou de uns pincéis, preparados por ele mesmo. E começou uma série de pinceladas ágeis, num verdadeiro malabarismo. Rapidamente fez surgir uma porção de cintilantes estrelas. Até parecia que manejava uma varinha de condão. Os presentes agora se entreolhavam. O homem manchou o céu com algumas nuvens. Com mais uma hora de trabalho, deixou estampado o vulto esguio e multicolor de Arlequim, com o seu indefectível bandolim.

Nessa altura, o pintor cachaceiro, esfarrapado e sujo, quase não podia mover-se devido à aglomeração à sua volta. Quando terminou, o cenário foi levado para o fundo do palco: a figura parecia viva e, para fazer ouvir o instrumento, só faltava receber ordem de algum gênio. A assistência, emocionada, até se esquecerera do autor e, quando se lembraram dele, não o encontraram, o que se deu muito depois, numa venda, já com o saco cheio de pinga. Daí em diante, todo o cenário do Circo Prata foi remodelado e Pão Duro e o Toni tiveram suas efígies nas entradas laterais, bem em cima da bilheteria. As tabuletas, na rua, anunciando as funções, tiveram supremacia às dos cinemas locais. Os grandes cartazes de cima do caminhão, em propaganda, pareciam naturais. Até o Globo da Morte, pintado na traseira do veículo, impressionava a multidão.

Afonso, o artista boêmio, não se preocupava com coisa alguma. Nada cobrava por seu trabalho. Apenas morava no circo e achava ser isso o bastante, pois nunca o ampararam tanto. O pior, para ele, era conseguir o necessário para a cachaça, não gostava de pedir a seu Prata que, além de tudo, era abstêmio e inimigo do álcool. Então, para satisfazer o vício, o pintor passou a ser um frequentador assíduo de velórios. Defunto, no sertão, é sempre pretexto para umas pinguinhas, café e “quitandas”. E era aí que ele bebia sem pedir...

Muitas vezes era o último a ficar, velando o morto, madrugada afóra. E todos louvavam sua piedade cristã. Quando era procurado por alguém, não sendo encontrado no circo, bastava descobrir onde havia um defunto. Era certeza de encontrar lá o pintor.

Passado algum tempo, Afonso desapareceu da companhia. Sua falta não foi notada de imediato. Pudera, todos os cartazes e cenários estavam pintados de novo! E o pavilhão continuou a peregrinar por cidades e mais cidades, até chegar a determinado lugar, onde, suberam, o Afonso permanecia. Seus amigos circenses queriam vê-lo e o palhaço Pão Duro saiu em sua procura.

Incontinenti, perguntou se morrera alguém na cidade. Foi informado que sim e indicaram-lhe onde estava o morto. Pão Duro seguiu para lá. Era no fundo de um cabaré. O palhaço, respeitoso, de chapéu na mão, adentrou na sala, buscando, com os olhos, o velho amigo. Mas não o viu. Procurou, então, informar-se com os presentes se sabiam dele.

— O Afonso, um pintor?

— É.

Os da terra entreolharam-se. Pão Duro insistiu:

— É um homem que vela tudo quanto é defunto...

Aí, o dono do cabaré, zombeteiro, apontou para o “caixão de São Vicente”:

— Desta vez, é ele mesmo que é o defunto!

Pão Duro ergueu o lençol que cobria a face do morto. Afonso, sob a luz dos quatro círios, parecia sorrir.

Vocabulário regional goiano

Quitanda: biscoitos, bolachas, bolinhos, servidos pelos donos da casa.

Caixão de São Vicente: caixão fúnebre pertencente à confraria de São Vicente, cedido por empréstimo aos indigentes. É reforçado, preto, feio. Depois de levar o morto ao cemitério, o caixão é devolvido, indo servir para outro desamparado.

CENAS DO SERTÃO

Entardecia. A manada de “brabezas” voltava das margens do caudaloso Araguaia, onde havia saciado a sede. Passou, antes, por diversas lagoas, mas o gado conhece a voracidade das piranhas e prefere morrer de sede a se arriscar a encostar o focinho nessas águas. O rio é mais seguro.

As reses atravessaram um pedaço de mato fechado e reuniram-se numa clareira onde, pachorrentamente, foram se ajoelhando para ruminar a relva fresca e verde, catada naquelas minguadas pastagens. As vacas nada temiam, mostrando-se mesmo serenas, apesar de serem extremamente selvagens, criadas, naturalmente, no ermo. O preocupado era o touro, único macho da manada. Era ele o responsável pelas fêmeas; sabia que todas repousavam, tranquilamente, porque confiavam na sua guarda. De súbito, põe-se de pé. A pequena boiada se agita, indecisa, embora se mantendo no bolo. O touro, espumando pela boca, cavucando com as patas dianteiras, assoprando, esticado, corpo todo retesado, toca de roda, protegendo as fêmeas, conservando-as sempre unidas, empelotadas. A cena é de imenso terror; nenhuma se mexe no redil.

O silêncio é absoluto. Somente o touro assopra, esgravata o chão. Qual o perigo?! Índios? Não, porque, para índios, a tática seria diferente: o estouro se faria *incontinenti* e não se daria a lateral para o lado do ataque, pois a traseira rompe, mesmo flechada, o que não se dá com a pá e tala do pescoço. A manada sabe que está sendo atacada pela voracidade de uma ou mais onças. A única defesa é esta mesma:

ela terá que atacar o boi e, enquanto este luta, abre-se o aprisco em demanda a um sítio seguro.

A expectativa é tremenda. Eis que o esperado se ocorre: uma enorme canguçu se atira no cupim da marruá e as encurraladas estouram numa disparada célere e vão, como foguetes, num reboar de cento e sessenta patas.

O touro emenda atrás, saltando, arcando, fungando e procurando desfazer-se da carga, ora indo de encontro a um tronco, ora ajoelhando e esfregando a pintada no chão. Porém, a demora verificada no assalto foi para a bicha fazer bem os seus cálculos: a caçadora firmava-se com as patas no dorso do animal e com a mão esquerda no cupim; a direita estava firme no focinho, passada por baixo dos chifres e as unhas encravadas na carne, como se fossem cinco ganchos a cruzarem as pontas, internamente. Um risco de poeira subia até o céu e um estrondo se fazia ouvir por aquela paragem.

Os macacos, sempre medrosos, procuraram as copas das árvores. Os jacarés deslizaram pelas margens e enfiaram-se pelas águas das lagoas. As garças, alvas como um símbolo de paz, levantaram voo. Os queixadas silenciaram o tremor de dentes. Somente a manada corria numa destruição espantosa. O touro lutava, desesperadamente. As suas forças foram, enfim, sé esgotando e, agora, apenas corria, dobrado como um arco, e o braço direito da canguçu estava retesado como a corda deste próprio arco. Ouve-se um grande estalo. O “brabeza” amontoou, freneticamente, com o pescoço destroncado.

Agora espumava e soltava borbotões de sangue pela boca e pelas narinas. O seu corpo tremia como se tivesse sezão; as patas cavucavam o solo num estrebuchamento que prefaciava o fim da sua imensa luta, da sua curta vida e da sua honra, até ali mantida. A canguçu vencera o touro. Outros “brabezas” ainda pastavam por aquelas bandas com imensos sulcos pelos lombos feitos por unhas de pintadas, mas aquela já havia se acostumado a fazer dessas proezas e nunca perdera: era uma onça tratada com carne de gado e variando sempre com a de índio.

Um silêncio quase profundo se fez sentir. Não se ouvia mais a quebrada das reses. A onça ainda estava em cima do boi. Este não mais se mexia.

Com uma calma incrível, para aquele momento, a fera olhava para os lados, escolhendo uma moita a fim de guardar a presa, até esta começar a ficar rançosa. Deu, em seguida, uma volta e segurou, calma e jeitosamente, com a boca, as narinas do vencido e, incrivelmente, arrastou-o, ora puxando de fasto, ora indo de frente com as pernas abertas por cima do pescoço do animal. Meteu-o debaixo de uma moita e quebrou vários ramos para encobri-lo melhor.

Andou um pouco. Parou e fez um reconhecimento do ambiente: depois aprumou por um tronco de jatobá e desapareceu na mata para voltar na noite seguinte a fim de começar a devorar a custosa presa.

Vigiar não precisava, pois em amoitada de onça nem outra onça mesmo chega.

Até esse momento, as “brabezas” ainda se conservavam sempre amontoadas, respirando forte pela debandada. Depois algumas abaixaram as cabeças e foram catando feixes de capim do campo, aqui e ali, seguidas logo pelas outras. Uma ergueu a cabeça e cheirou longamente o ar. Tomou a frente e, a passos mansos, puxou a manada, talvez para encontrar um outro chefe que lhes garantisse, oportunamente, a fuga.

Vocabulário regional goiano

Brabeza: gado criado à solta, sem dono, no ermo.

Canguçu: a maior onça brasileira, pintada e lombo preto.

O QUE FOI PELO SERTÃO foi composto em tipografia Minion Pro, corpo 12pt, impresso em papel da Suzano Papel e Celulose, Pólen Soft 80g nas oficinas da TRAMPOLIM EDITORA. Acabou-se de imprimir em fevereiro de 2018.

LAVS DEO

A Coleção Sertão é uma edição de preservação, cultura e reconhecimento da trajetória literária do escritor Waldomiro Bariani Ortencio. Paulista mas goiano de coração e alma, traz nesta coleção a sua obra-prima sobre o sertão que ele tanto viveu e até mesmo contribuiu a consolidar.

O sertão de Bariani descreve uma vida que já virou ficção para muitos de nós. Ao republicar suas três grandes obras, reabre as discussões sobre o que foi para o homem e para o Brasil ir para o centro do planalto brasileiro. Hoje para alguns um Eldorado e para outros um inferno. Essa dicotomia nos personagens e nas imagens de uma terra nova são as imagens que se enraízam nas memórias de quem lê Bariani Ortencio.

É fácil para quem percorre as páginas de Bariani, um Anhanguera moderno que observa e reinterpreta o mundo que o cerca assombrando os leitores com tão vasta obra.

A sua vida foi uma aventura na mesma intensidade de seus romances que trazem um apelo ao pensamento, ao sonho e ao tempo.

VICTOR TAGORE

Apoio Institucional da Prefeitura de Goiânia



**PREFEITURA
DE GOIÂNIA**
Cultura

ISBN: 978-85-5325-005-9



9 788553 250059

TAGORE EDITORA